



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

EDUARDO GOMES DO NASCIMENTO

INCAS: A CONQUISTA DO IMPÉRIO PELOS ESPANHÓIS (1532-1533)

GUARABIRA – PB

2022

EDUARDO GOMES DO NASCIMENTO

INCAS: A CONQUISTA DO IMPÉRIO PELOS ESPANHÓIS (1532-1533)

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de graduado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

GUARABIRA – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244i Nascimento, Eduardo Gomes do.
Incas [manuscrito] : a conquista do império pelos espanhóis (1532-1533) / Eduardo Gomes do Nascimento. - 2022.
55 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de História - CH."
1. Império Inca. 2. Conquistadores Europeus. 3. Dominação Espanhola. I. Título

21. ed. CDD 972.019

EDUARDO GOMES DO NASCIMENTO

INCAS: A CONQUISTA DO IMPÉRIO PELOS ESPANHÓIS (1532-1533)

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de graduado em História.

Aprovado em: 06/12/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldecy Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof. Dr^a Iany Elizabeth da Costa (Examinador/a)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DG)



Prof. Dr. Cristiano Luiz Cristillino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)

*Aos povos indígenas do Peru,
descendentes dos Incas que, até hoje,
mantêm viva a cultura desse povo que
muito acrescentou à sociedade
contemporânea.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que sempre me deu forças nos momentos mais difíceis para finalizar este trabalho.

Também agradeço aos meus pais, que tanto fizeram e fazem por mim, constantemente, me incentivando a sempre prosseguir.

Aos meus colegas de curso que dividiram bons e maus momentos durante a graduação.

Aos meus professores e professoras da universidade e, também, da escola da educação básica que me proporcionaram chegar até aqui.

Ao meu orientador, amigo e eterno professor, o Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, pela sua paciência, dedicação e orientação para comigo.

Ao meu ex-colega de curso e amigo, João Paulo Ferreira da Silva, pela sua parceria durante todos esses anos de graduação, pela sua amizade sincera e, também, por contribuir na produção deste trabalho.

Ao meu amigo e também ex-colega de curso, Severino Batista da Silva, meu parceiro que, no início do curso, quando pensei em desistir, me motivou e incentivou a continuar e a permanecer firme até o fim.

Ao também ex-colega de curso, e amigo, Jonhson Danilo Pereira de Souza, que também fez parte desse grupo desde o início, e assim como Severino, deixavam com suas *resenhas* as noites no campus mais alegres.

Agradeço, também, ao meu amigo de tantos anos, Luciano Gomes Soares, por sua sincera amizade, por me encorajar a continuar estudando, por estar do meu lado, sempre disposto a ajudar, e, também, por ter contribuído, e muito, para a produção deste trabalho.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que foram tão importantes e contribuíram, direta ou indiretamente, para essa etapa tão decisiva da minha vida.

RESUMO

Este trabalho trata do início do processo de conquista do Império Inca pelos conquistadores espanhóis entre 1532 e 1533. Partiu da necessidade de se entender, de forma mais detalhada, a conquista na busca de algumas respostas a perguntas que antes não tinham explicação, ou que as respostas dadas não eram tão objetivas. A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surgiu da necessidade de entender como o vasto Império Inca foi subjugado por um pequeno grupo de centenas de conquistadores espanhóis. Este trabalho foi realizado com base em pesquisas bibliográficas e conteúdos da internet, de modo que os autores utilizados abordam a conquista do Império Inca como foco principal em suas respectivas pesquisas. Como resultado, obtivemos as respostas que buscávamos, de modo a entender como esse processo de conquista se desenrolou e de que maneira ele aconteceu, e porque aconteceu. Concluímos que o principal fator que decidiu a conquista do Império Inca para os espanhóis foi o grande ego do imperador inca, que subestimou todo o potencial dos invasores espanhóis.

Palavras-Chave: Império Inca. Conquistadores Europeus. Dominação Espanhola.

ABSTRACT

This paper will deal with the beginning of the process of conquest of the Inca Empire by the Spanish conquistadors between 1532 and 1533. It started from the need to understand in a more detailed way this conquest process, seeking to obtain some answers to questions that previously had no explanation, or that the solutions given were not so objective. The motivation for the development of this work arose from the need to understand how the vast Inca Empire was subjugated by a small group of hundreds of Spanish conquistadors. This work was carried out based on bibliographic research and internet content, so that the authors used approach the conquest of the Inca Empire as the main focus of their respective researches. As a result, we obtained the answers we were looking for, in order to understand how this conquest process unfolded and in what way it happened, and why it happened. We concluded that the main factor that decided the conquest of the Inca Empire for the Spanish was the great ego of the Inca emperor, who underestimated all the potential of the Spanish invaders.

Keywords: Inca Empire. European Conquistadors. Spanish Domination.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O IMPÉRIO INCA.....	11
2. OS CONQUISTADORES.....	16
3. O CONFLITO ENTRE OS IRMÃOS E A GUERRA CIVIL.....	20
4. O ENCONTRO E A CAPTURA DE ATAHUALPA.....	28
5. PRISÃO, TRAIÇÃO E MORTE.....	38
6. METODOLOGIA.....	46
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

O tema escolhido, para realização desse trabalho, começou a se delinear em 2018 quando estudei sobre as civilizações pré-colombianas no componente curricular História da América I, ministrada pelo Professor Francisco Fagundes. O Professor Fagundes nos indicou, para estudo e realização de uma prova, o livro “A Civilização Inca”, do Francês Henri Favre. Li tal obra com muita satisfação e curiosidade para conhecer mais sobre essa fascinante civilização. Além do livro indicado, também li outros dois que tratavam das civilizações Maia e Asteca.

A partir de então, o interesse pelas civilizações pré-colombianas foi ampliado, sobretudo, no que diz respeito aos seus mistérios e evolução. Mas teve algo que me chamou muito a atenção de forma mais intensa sobre os incas que das outras civilizações; algo que procuro entender desde então e se constitui o objeto de discussão deste trabalho. Como uma civilização tão grande, constituída por milhões de habitantes foi conquistada por um grupo tão pequeno, um exército de algumas poucas centenas de espanhóis? Sempre faço essa pergunta quando pesquiso sobre os incas.

No componente curricular Estágio Supervisionado em História I e II, o interesse pelas sociedades pré-colombianas ressurgiu, sobretudo, quando o professor de Estágio I, João Bueno, sugeriu alguns temas para serem trabalhados nas microaulas. Eu, prontamente, escolhi como tema “As civilizações Pré-Colombianas”, em um recorte que tratava apenas do Império Inca. No componente curricular Estágio II, com a professora Luciana Calissi, pude então dar duas aulas sobre os incas a uma turma do primeiro ano do ensino médio. Alguns estudantes ficaram intrigados com a quantidade de conteúdo que eles não conheciam, o que é decorrente do fato de, no ensino médio, o/a professor/a trabalhar de forma resumida os conteúdos selecionados. No transcorrer da aula, alguns estudantes fizeram o mesmo questionamento que outrora fiz, mesmo que de forma indireta. Como um grupo tão pequeno de espanhóis conquistou um império tão grande? Essa é a questão que permeia esse trabalho, de modo a buscar, a investigar como se deu tal feito, de como aconteceu e de como isso foi possível, considerando todas as adversidades.

Esta pesquisa se tornou relevante a partir do momento que o Império Inca foi estudado e certas dúvidas surgiram e geraram incertezas e curiosidade. Deste

modo, acreditamos que responder a questões que não tem explicações muito claras e objetivas, bem como entender como se deu esse processo de conquista de forma mais precisa, seja de extrema importância para a comunidade científica e sociedade como um todo.

Por isso, este trabalho tem como tema central o processo de conquista inicial do Império Inca pelos conquistadores espanhóis, processo que se iniciou em 1532 com a conquista, até a morte de Atahualpa no ano seguinte, em 1533. Os nossos objetivos, com tal discussão, são os seguintes: a) entender como se deu o processo de conquista do Império Inca pelos conquistadores espanhóis; b) analisar o conflito entre os meios-irmãos, Huáscar e Atahualpa e a conseqüente disputa pelo trono do Império Inca; c) discutir as alianças firmadas entre os espanhóis e os povos inimigos dos incas; e d) compreender como um exército tão pequeno de centenas de espanhóis derrotou um império tão vasto com milhões de habitantes.

Para chegar aos resultados propostos, utilizamos como metodologia a pesquisa descritiva, na forma qualitativa, com o uso de fontes secundárias. Na pesquisa bibliográfica foram utilizados como autores principais: Favre (2004), Prodanov (2004) e Stirling (2005), além de conteúdos da internet, como artigos escritos por Domingues (2015) e López e Aguilar (2015), onde todos vão tratar da conquista do império inca pelos espanhóis. Através das obras destes autores foi possível chegar de forma satisfatória aos resultados esperados, onde foi possível concluir por meio das interpretações desses autores, e chegar de modo investigativo, a novas interpretações de como se deu essa conquista.

Para tanto, a fim de contextualizar o tema deste trabalho e por acreditar ser pertinente, tendo em vista o que será abordado mais adiante, resumo a história desse povo pré-colombiano, uma vez que me apropriou de dados importantes à compreensão dos primeiros passos e planejamento dos conquistadores espanhóis na efetivação do seu objetivo, qual seja a conquista do Império Inca.

No transcorrer da narrativa, nos atemos aos seguintes episódios: tratamos sobre o Império Inca, narramos do início do império a expansão pelos Andes, o que os levou a conquistar outros territórios e povos. Na narrativa construída nesse capítulo, ainda nos referimos às doenças trazidas pelos europeus desde a época de Colombo; a descoberta dos incas sobre os invasores vindos do mar; a primeira aliança feita pelos espanhóis em território inca; até a morte do antigo imperador Huayna Capac, quando se iniciou a disputa pelo trono do Império Inca entre os seus

filhos, os meio-irmãos Huáscar e Atahualpa; as primeiras expedições, o contato com os incas e com povos inimigos dos incas, uma vez que se tornaram grandes aliados dos espanhóis na luta contra os incas, e a captura e posteriormente execução do imperador inca, Atahualpa.

Em seguida, no capítulo II, abordamos, de forma mais detalhada, as três expedições lideradas por Francisco Pizarro e seus conquistadores, ao Império Inca, a descoberta do povo inca e de seus tesouros; os planejamentos para invasão e conquista; a autorização dada a Pizarro pelo reino da Espanha para a conquista daquele império; a chegada em Tumbes, que foi primeiro povoado pertencente aos incas que os espanhóis têm acesso; até a notícia recebida pelos conquistadores sobre o fim da guerra entre os irmãos Huáscar e Atahualpa.

Na sequência, que corresponde o capítulo III, abordamos os conflitos entre Huáscar que era o governante da capital do império, Cuzco, e Atahualpa; o governante de Quito, na guerra de sucessão; de como essa disputa pelo trono se iniciou; quais as causas e motivos foram decisivos para os conflitos, que mais tarde geraram o início da chamada guerra dos dois irmãos, como foi essa guerra, qual o seu desfecho e quais foram as consequências para o Império Inca, que beneficiou os espanhóis.

Em seguida, no capítulo IV, foi realizada a abordagem acerca do encontro entre Atahualpa e Pizarro, e a captura do imperador inca pelos espanhóis; da partida dos espanhóis até a cidade de Cajamarca, onde o encontro entre o inca e o líder espanhol aconteceu; dos preparativos entre incas e espanhóis para esse tão aguardado encontro, que terminou com a captura de Atahualpa e a morte de milhares de indígenas, no confronto que ficou conhecido como o massacre de Cajamarca; até os motivos das atitudes precipitadas tomadas pelo imperador inca que facilitaram as ações de Pizarro e de seus homens para com a conquista.

E, por fim, no quinto e último capítulo, tratamos da prisão do inca Atahualpa; do resgate em toneladas de ouro e prata oferecidos por Atahualpa a Pizarro; da chegada de reforços espanhóis vindos do Panamá, e de povos indígenas que se aliaram aos conquistadores; da traição e conspiração criada que serviu como uma das várias acusações que levaram o soberano inca a morte; até o trágico e triste momento da execução do inca Atahualpa, que morreu estrangulado por garrote.

1. O IMPÉRIO INCA

O Império Inca foi o maior império da América pré-colombiana, tanto em extensão territorial (com mais de 4 mil km de extensão e 2 milhões de km²), quanto em número de habitantes (de 10 a 15 milhões). Sua capital era Cuzco, que para os incas era o centro do mundo, e que em quéchua quer dizer: umbigo do mundo. Seu último suspiro de resistência teve fim em 1572 quando os últimos incas liderados por Tupac Amaru foram também derrotados pelos espanhóis.

A civilização inca surgiu nas encostas das Cordilheiras dos Andes, hoje Peru, no início do século XIII, começando a se destacar só a partir de 1438 aproximadamente, onde a conquista de territórios e povos se iniciou. Os incas tidos como legítimos não passavam de um número entre 30 e 40 mil habitantes, a maior parte era composta por povos conquistados. Quando os espanhóis chegaram passaram a chamar todos que compunham o império de incas. Atualmente esse território compreende além do Peru, Equador, Colômbia, partes da Bolívia, Chile e Argentina. Utilizavam para conquistar territórios a assimilação pacífica ou a conquista. A língua oficial, apesar de existir várias outras, era o quéchua. Os incas eram um povo politeísta, pois cultuavam vários deuses, os mais importantes eram: Inti, o deus sol e mais cultuado; Viracocha, o deus criador; Mama Quilla, deusa identificada com a lua e uma das principais divindades femininas; Pachamama, divindade relacionada com a terra e a fertilidade. Os incas praticavam consultas com oráculos, sacrifícios e oferendas.

O termo inca significa chefe; título que pertencia principalmente ao imperador, mas também aos nobres. O Sapa Inca, imperador, era tido como o filho do deus sol, era um deus e um imperador teocrata e liderava todo o império. Os incas eram um povo ágrafo, não dominavam a escrita, eles transmitiam os seus conhecimentos através da oralidade e dos desenhos, também não tinham moeda, por isso usavam o escambo, ou seja, a relação comercial era fundamentada na troca. Usavam um instrumento para fazer cálculo chamado quipu, geralmente era utilizado para calcular impostos. A economia inca, como a maioria das civilizações pré-colombianas tinha como base a agricultura, os incas cultivavam batata, milho, tomate, pimenta, abóbora, amendoim, mandioca, etc. Eles também se destacavam na arquitetura e na engenharia, pois construíram palácios, casas, pontes, estradas, canais e aquedutos.

O Império Inca, ou Tahuantinsuyo, na língua quéchua como os próprios incas chamavam, por se dividir em quatro partes ou direções, se expandiu de forma mais efetiva só por volta do século XV quando o imperador inca da época, Pachacuti Yupanqui derrotou os seus adversários, um grupo nativo daquela região que era inimiga dos incas, e eram chamados de Chancas. “Essa ação de Pachacuti teria criado as condições para estender as fronteiras do seu restrito reino, levando os Incas a consolidarem-se como o maior Estado pré-colombiano da América do Sul.” (PRODANOV, 2004, p.22).

O reino dos Incas de Tahuantinsuyo que Pizarro, a princípio, imaginou ser um pequeno reinado que comercializava ouro, em uma montanha, era um vasto império e uma civilização com cerca de 12 milhões de súditos, que se estendia do norte do Equador por toda a cordilheira dos Andes até o sul no litoral Pacífico do Chile, e ao leste até as florestas da Amazônia. Suas fronteiras haviam sido estabelecidas por uma conquista militar menos de cem anos antes por uma nobreza da tribo Quéchua de Cuzco, conhecida como os Incas, que com sua valentia, dominara a cordilheira central andina... (STIRLING, 2005, p.35).

Antes da morte de Pachacuti, seu herdeiro, Tupac Inca Yupanqui, que por tradição liderava o exército inca, já conquistava territórios do norte em nome do seu pai. Com a morte de Pachacuti em 1471, Yupanqui começou seu império conquistando o reino dos chimus, sua conquista mais importante. Esse povo era tido pelos próprios incas como os seus maiores rivais.

Dentre as regiões conquistadas sob o seu governo estão o atual Equador, áreas do atual Chile, partes da selva amazônica, do Chaco e dos pampas argentinos. O império de Yupanqui passou a se estender do norte até o Equador e a atual Colômbia.

Após a morte de Tupac Inca Yupanqui, assassinado em 1493, seu filho Huayna Capac, assumiu como o novo Sapa Inca. De acordo com Favre (2004), o seu reinado foi militarmente menos destacado que os anteriores. “O novo imperador, que era ainda uma criança, foi posto sob a tutela vigilante de seus tios. Cedo aprendeu a manipular as ambições concorrentes destes últimos para lhes impor a sua própria autoridade.” (FAVRE, 2004, p. 23). Durante o seu reinado, foi adicionada uma pequena extensão de terra ao norte do atual Equador. No auge do seu reinado, o Império Inca incluiu todo o atual Peru, as partes oeste e centro-sul da atual Bolívia, uma grande parte do atual Chile e o sudoeste do atual Equador.

Foi no reinado de Huayna Capac ,e através de informantes, que as primeiras notícias sobre a presença de estrangeiros que rondavam o seu reino foram registradas. Antes que esse imperador tivesse tomado qualquer atitude a respeito dos estrangeiros, o reinado foi atingido por uma enfermidade desconhecida pelos incas, por seus médicos e curandeiros, o que ocasionou a sua morte por volta de 1528; vítima da varíola ou de rubéola.

Segundo alguns historiadores, a possibilidade da causa morte de Huayna Capac ter sido envenenamento não está descartada. As doenças trazidas pelos europeus, desde a época da invasão da América em 1492 por Colombo, se espalharam como uma praga pelo novo mundo e já havia devastado milhares de incas.

Um mal desconhecido (a varíola, sem dúvida, ou a rubéola, que os europeus haviam introduzido no Novo Mundo) espalhara-se com aterradora rapidez. Enquanto esse mal abatia populações geneticamente desarmadas, sinais estranhos surgiam no céu e seres misteriosos, vindos do mar, eram assinalados em diversos pontos do litoral. Os deuses, interrogados pelos sacerdotes quanto ao sentido que se deveria atribuir a esses prodígios, permaneceram espantosamente mudos. Em 1528, Wayna Kapaq foi por sua vez abatido pela epidemia que já levara 200 mil de seus súditos, ou talvez tenha sucumbido a uma tentativa de envenenamento, segundo outras fontes. Ao morrer, algum tempo depois, deixou o Império mergulhado na mais viva inquietação e na maior incerteza quanto ao futuro (FAVRE, 2004, p.24).

Nessa época, os espanhóis sob o comando de Francisco Pizarro desembarcaram pela segunda vez em território inca, já em sua segunda expedição, com o diferencial de que agora eles conseguiram ir mais além e chegaram até a região de Tumbes. Nesse momento, os espanhóis mantiveram contato através de gestos corporais pela primeira vez com o povo inca, trocaram presentes, e Pizarro resolveu deixar dois de seus homens para aprender as línguas e costumes daquele povo, como também levar a bordo dois indígenas consigo, com o intuito de que aprendessem a língua espanhola e fossem usados como intérpretes na próxima expedição, o que se realizou alguns anos depois.

Após a morte de Huayna Capac em 1528, seu provável sucessor, o seu primogênito Ninan Cuyochi, também morreu de varíola ou envenenado como o seu pai. No Império Inca, nem sempre o primogênito herdava o trono como acontecia na Europa e em outras civilizações. Os espanhóis acreditavam que, no Império Inca, o filho mais velho sucedia o imperador morto, quando, na verdade, o escolhido geralmente era o mais apto, o mais capacitado nas artes da administração e da

guerra. A partir daí, dois candidatos a novo imperador entram em cena no Império Inca, os meios-irmãos Huáscar e Atahualpa, que iniciaram uma longa e violenta guerra de sucessão pelo trono do seu falecido pai.

O Império Inca começou a se fragmentar no final do século XV, ao enfrentar diversas rebeliões internas causadas por povos rivais e recém-conquistados e por conflitos entre os meio-irmãos Huáscar e Atahualpa. Em 1532, com a chegada de um pequeno exército de conquistadores espanhóis liderados por Francisco Pizarro, estes se aliam aos inimigos dos incas e terminam por conquistá-los em 1533. O último Sapa Inca Atahualpa é capturado em 1532 e morto em 1533. Com isso, os incas se refugiam nas montanhas onde os últimos sobreviventes resistem até 1572, quando o último líder inca (Tupac Amaru) que lutava para reconquistar o império, é também morto pelos espanhóis.

Na primeira expedição, os espanhóis liderados por Francisco Pizarro e Diego de Almagro exploraram o sul do novo mundo onde hoje é o Panamá, chegando ao território pertencente aos incas em 1526. Antes de chegarem, Pizarro fica sabendo de uma grande civilização, de uma terra rica, cheia de tesouros. Em 1529, após outra expedição, Pizarro embarca de volta para a Espanha para pedir à coroa espanhola permissão para conquistar o Império Inca.

Os conquistadores só retornam ao império inca para efetivamente conquistá-lo em 1532, e chegando encontram um cenário que lhes foi bastante favorável, a guerra de sucessão entre os meio-irmãos Huáscar e Atahualpa, filhos do antigo Sapa Inca Huayna Capac, acontecia e enfraquecia todo o império, assim como a agitação entre os territórios recém-conquistados, além das doenças trazidas pelos europeus que também tiveram impacto nesse processo de conquista espanhola.

O exército de Pizarro contava com cerca de 200 homens (mas nem todos eram soldados). Seu pequeno séquito chegou ao império inca com 27 cavalos, espadas longas, lanças, arcabuzes, e armaduras de aço, além de um canhão. Os incas usavam apenas armas feitas de madeira, pedra, bronze e cobre e suas armaduras eram feitas de fibra de alpaca, o que os deixava em grande desvantagem em relação aos espanhóis. Os homens de Pizarro, com seus cavalos, tiveram outra grande vantagem, já que os incas, assim como os astecas, desconheciam esses animais de montaria, sem falar do canhão e de seu alto poder de destruição.

Ainda em 1532, acontece o massacre de Cajamarca, onde o exército de Pizarro planeja e consegue emboscar Atahualpa e sua comitiva de alguns milhares de nativos, armados apenas com facas e laços para caçar lhamas, milhares de incas foram mortos e Atahualpa é capturado e feito refém. Atahualpa. A fim de ser libertado, oferece a Pizarro ouro o suficiente para encher a sala em que estava preso e o dobro disso em prata, porém mesmo depois de o inca ter cumprido a promessa, Pizarro não cumpre a sua parte, recusando-se a libertar Atahualpa. O mesmo alega que Atahualpa deveria ser julgado pelo assassinato de seu irmão Huáscar, que havia sido capturado anteriormente pelos homens de Atahualpa e que agora estava morto por ordens do próprio inca. Em 1533, Atahualpa, mesmo cumprido a todas as exigências, é executado pelos espanhóis.

2. OS CONQUISTADORES

Depois do sucesso alcançado por outro espanhol, Hernán Cortés e seus homens, que se saíram vitoriosos na invasão e conseqüente conquista do Império Asteca (atual México), em 1519, o desejo de exploração pelo novo mundo reacendeu. Cortés inspirou e abriu o caminho para a descoberta, exploração e a conquista de outra grande e importante civilização.

Depois de outras duas expedições que tinham como objetivos o planejamento e reconhecimento dessa grande extensão de terras desconhecidas e inexploradas pelos espanhóis, é importante destacar os fatores determinantes que motivaram tal empreitada. Como muitos podem pensar, o único desejo dos exploradores era o de riquezas, principalmente o ouro e a prata, quando na verdade se tratava de muito mais. Para Prodanov (2004), crer que os europeus navegaram por mares desconhecidos, sem equipamentos e recursos adequados, apenas por riqueza, é simplista demais. O mesmo ainda complementa que,

[...] essa aplicação de conceitos capitalistas, em homens do século XVI, acaba negando o imaginário da época e outros elementos que forjaram o contato entre os povos e culturas que se deu na América. A aventura, o heroísmo, o prazer, o medo, ou mesmo o espírito de cruzada, não podem ser excluídos do rol dos elementos impulsionadores dos descobrimentos em detrimento das explicações majoritariamente econômicas (PRODANOV, 2004, pp.12-13).

Na primeira expedição, os espanhóis, sob a liderança do estremenho de Trujillo (Espanha) Francisco Pizarro e Diego de Almagro, exploraram o sul do que é hoje o Panamá e, em 1526, ouviram relatos de uma grande, avançada e rica civilização, o que despertou o interesse dos mesmos, sobretudo, o de Pizarro, que assim como Almagro era plebeu e sonhava com riquezas e com a nobreza. A conquista de tal território o levaria a realização de tão almejado sonho.

Na segunda expedição e volta à América, Pizarro e seu grupo navegaram durante dias até chegar à baía de Guayaquil (atual Equador), tendo contato com o povo de Tumbes, primeiro povoado pertencente ao Império Inca que Pizarro e seu grupo conheceram. Logo ficou claro para Pizarro que eles estavam chegando onde tanto queriam e que logo iriam ser recompensados por todas as adversidades passadas. Mas ao sul recolheram peças feitas de ouro, e prata, vasos de cerâmica, entre outros itens que afloraram ainda mais o ímpeto de Pizarro e de seus homens

por riquezas. Apesar desse êxito, ainda não ter sido o bastante para convencer as autoridades panamenhas e espanholas do sucesso dessa expedição.

Ainda na segunda expedição ocorrida em 1529, já com alguns indígenas que foram capturados para aprender o espanhol e serem usados como guias e intérpretes, Pizarro teve que retornar a Espanha como porta-voz do seu grupo para convencer a coroa que estava prestes a descobrir um grandioso e rico reino. “Pizarro foi a Toledo para ser recebido pelo Rei Carlos V em audiência. Este teve seu trabalho facilitado na corte toledana devido à coincidência de sua visita ter sido precedida pela estada de Hernán Cortés” (PRODANOV, 2004, p.30).

A corte se impressionou com os presentes trazidos do Império Asteca por Cortés, além das suas fascinantes descrições. Segundo Prodanov (2004), esse fator foi crucial para a autorização e apoio a Pizarro em sua missão de conquista, onde em caso de sucesso os títulos seriam distribuídos da seguinte forma: Governador das novas terras para Pizarro, além do posto de general; título de nobreza e um comando militar para Almagro, e para o Padre Luque, o bispado de Tumbes.

Na sua visita de negócios, Pizarro acabou por conseguir a aprovação através de uma carta assinada pela Rainha Isabel (esposa de Carlos V) e o apoio necessário para a sua conquista, porém, financeiramente ficou a cargo do próprio Pizarro conseguir os valores necessários, que veio dos seus próprios negócios e economias, não sendo o suficiente, o que foi conseguido através de parcerias feitas no Panamá. Outro desafio para o velho mercador de escravos, a qual não teve vida fácil foi com relação a um exército, visto que um dos requisitos impostos pela coroa para conceder a permissão era de que Pizarro teria que recrutar pelo menos 250 homens, algo que ficou por conta do próprio conquistador, que não ficou muito satisfeito com o resultado do seu recrutamento.

Apesar das aventuras, glórias e das riquezas oferecidas por ele, não foram o suficiente para convencer a maioria dos homens nessa difícil missão, o que ainda assim não desanimou o persistente Pizarro de seu propósito, e partiu clandestinamente para o novo mundo assim mesmo sem atingir o número mínimo de recrutas (BOOK, 2022).

De volta da primeira expedição realizada em 1526, um acordo anterior havia sido firmado após a descoberta do novo território para os espanhóis inexplorado, uma sociedade foi firmada entre dois conquistadores e um clérigo. Estavam reunidos

na cidade do Panamá¹, além de Pizarro e alguns de seus homens, o seu companheiro de expedições, Diego de Almagro e o Padre Hernando de Luque. O objetivo principal desse encontro foi o de fechar um acordo entre todos para dividir as riquezas obtidas na exploração do novo território que, mais tarde, passou a se chamar Peru.

A maioria dos manuais e livros de história da América coloca que a efetiva ocupação do Império Inca foi decidida no Panamá Quando lá se encontraram, em 1526, Francisco Pizarro, Diego Almagro e o Padre Remando de Luque. Estes homens juraram, em nome da Virgem Maria, repartir as riquezas obtidas na exploração dos territórios ao sul do Panamá (PRODANOV, 2004, pp.25-26).

O acordo é um tanto incomum e estranho, já que, segundo Prodanov (2004) e Stirling (2005), tanto Pizarro, quanto Almagro eram analfabetos. Analfabetismo esse que não era tão incomum naquela época para a plebe, a qual Pizarro e Almagro ainda pertenciam, e que não foi um empecilho para que a conquista do Império Inca ocorresse pelas mãos dos espanhóis (PRODANOV, 2004).

Na terceira e última expedição, Pizarro retornou com um grupo de cerca de 200 homens, sob a sua liderança que havia recrutado desde a sua última ida à Espanha, quando se reuniu com a coroa, onde buscava provisões, mantimentos e voluntários que recrutava para a sua missão. Entre esses homens estavam os seus irmãos: Hernando, Gonzalo, Juan e Pedro, alguns intérpretes/guias indígenas, um dos seus sócios, Diego de Almagro e o seu grupo de homens. Mais tarde, o Frei dominicano Vicente de Valverde que tinha como missão a catequese dos incas, também se juntou ao grupo, além de algumas dezenas de soldados que estavam no Panamá, compunham a comitiva de Pizarro no novo mundo, partiram para o território inca, onde iniciou a sua mais importante missão, após anos de planejamentos e tentativas frustradas de conquista.

Em 1530, Pizarro e seus homens partiram em direção ao sul, refizeram os seus passos, desembarcam no porto de Guayaquil, e partem o restante do caminho por terra, apesar de um número consideravelmente pequeno para um exército de homens, não havia cavalos para todos, e algumas dezenas de montarias auxiliavam os espanhóis em direção ao território inca. Apesar de já conhecerem em partes esse

¹ Cidade do Panamá, atual capital do Panamá, havia sido fundada em 1519 pelo conquistador espanhol Pedro Arias Dávila, que se tornou um porto importante, que serviu de abrigo para a construção de embarcações e também de entreposto comercial-militar, além de responsável pelo apoio às futuras expedições pelo mar do sul (PRODANOV, 2004).

território, as dificuldades foram as mesmas que anteriormente, com o diferencial de que agora havia dois indígenas com eles que conheciam o território. Chegando ao local combinado, eles se depararam com uma área devastada e vários corpos espalhados. Esses foram os primeiros indícios da guerra civil que ocorria no Império Inca, confirmados pelos relatos de alguns indígenas que ali permaneceram.

Em Tumbes, Pizarro como um grande estrategista decidiu dividir o grupo em dois, o primeiro grupo liderado por ele, seguiu adentro buscando áreas mais planas, enquanto o segundo liderado por Almagro, permaneceu no aguardo de notícias e ordens de Pizarro. Apesar de essa divisão ocasionar o enfraquecimento do grupo, militarmente falando, a expedição inicial foi dividida em duas. “Esta divisão facilitou o acesso às informações sobre as novas terras, abrindo a possibilidade de cobrir mais rapidamente uma área maior do Império” (PRODANOV, 2004, p.30).

A cada aldeia visitada por Pizarro e seu grupo, buscavam-se estrategicamente manter relações amistosas com os indígenas locais, a fim de conseguir mantimentos e acomodações, como também por alianças futuras, algo que, por exemplo, foi decisivo na conquista do México. Semanas se passaram até que Pizarro resolveu fundar uma povoação na região do Vale do Tangarala, que se localizava ao sul de Tumbes. A ideia era que o grupo que ficou para trás povoasse a região, que passou a se chamar de São Miguel, foi a primeira povoação do futuro Peru. Entretanto, devido à falta de salubridade e más condições do local, São Miguel acabou não florescendo, tendo uma vida breve. Mais tarde, em julho de 1532, numa região localizada mais ao sul, São Miguel de Piura foi fundado por Pizarro e existe, até hoje, com o nome de Piura, localizada no Peru.

Passados aproximadamente cinco meses, Pizarro e seus homens que ainda se encontravam em São Miguel, receberam uma excelente e aguardada notícia: a guerra dos dois irmãos havia acabado, e o exército de Atahualpa, depois da vitória, se alojara numa região chamada de Cajamarca, que ficava a alguns dias de caminhada dali, de São Miguel. Esse foi o sinal que Pizarro precisava para dar as caras e encontrar o Império Inca devastado pela guerra.

4. O CONFLITO ENTRE OS IRMÃOS E A GUERRA CIVIL

Para entender melhor o conflito entre os meios-irmãos Huáscar e Atahualpa, 'precisa-se voltar um pouco no tempo e compreender os motivos que o geraram'. O imperador Huayna Capac pensava em dividir o Império, visto que já estava muito grande. A divisão, que de certa forma já existia, mas não de forma independente uma da outra, era uma realidade. Havia dois centros urbanos principais no Império Inca, Cuzco ao sul e atual Peru era o centro do império, e tinha Huáscar como governador. O outro centro era Quito/Tumibamba, ao norte e atual Equador, tinha Atahualpa como comandante do exército e administrador das terras do norte.

Huáscar nasceu aproximadamente em 1491, era filho de Huayna Capac com sua meia-irmã Rauha Ocllo; relação normal e permitida entre a elite inca. Como governante do Sul, posição dada pelo seu pai, tinha um forte apoio do sul do império. Já governara Cuzco nos últimos 10 anos do governo de Huayna, e "manipulava o descontentamento que suscitara, em todas as regiões meridionais, a transferência da sede do poder imperial para Tumipampa" (FAVRE, 2004, p.97). Huáscar assumiu o trono inca, após a morte de seu pai Huayna e se tornou o décimo segundo Sapa Inca, até perder a maskapaicha, grinalda e símbolo imperial usada apenas pelo imperador inca, para o seu irmão mais novo, Atahualpa.

Atahualpa nasceu em aproximadamente 1502, era filho de Huayna Capac com uma de suas amantes, algo também permitido entre os nobres incas, sobretudo, se fosse o imperador, que geralmente tinha diversas concubinas, o que fazia com que a maioria dos seus filhos/filhas fossem irmãos/irmãs paternos. Não havia certeza da maternidade, podia ser filho de Tupa Palla ou Paccha Duchicela. Atahualpa tinha muita influência no norte do império, onde viveu boa parte de sua vida, e governou o norte por cinco anos antes de conquistar todo o Império Inca das mãos do seu irmão Huáscar. Atahualpa foi o décimo terceiro e último Sapa Inca antes da conquista espanhola.

Após um surto epidêmico que causou a morte de Huayna Capac e uma parte dos seus súditos, seu filho mais velho Ninan Cuyochi, principal candidato a novo imperador, também acabou morrendo da mesma forma que seu pai. Com isso, o próximo na linha de sucessão era Huáscar, segundo alguns cronistas Atahualpa era o filho favorito, pois o mesmo tinha se aproximado muito de Huayna em suas campanhas militares no norte, onde Atahualpa tinha o comando. Por outro lado, isso

causou um incômodo em Huáscar que se sentiu esquecido. Contudo, nessa divisão entre os seus principais herdeiros enfrentada por Huayna, este pensava em dividir o império em dois (PRODANOV, 2004).

Os relatos sobre os motivos da disputa pelo trono inca entre Huáscar e Atahualpa são diversos e contraditórios. Havia rivalidade entre o sul governado por Huáscar e o norte por Atahualpa, mas não havia unanimidade entre a nobreza de Cuzco sobre Huáscar como novo imperador, mesmo vendo nele uma oportunidade de reaver antigos privilégios políticos perdidos para o norte na época de Huayna.

Entretanto, as panaka² da velha nobreza cuzquenha, apesar de todo o desejo que tinham de retomar os privilégios, não aderiram unanimemente à sua causa. Pois, se Waskarr descendia de uma linhagem de Tupa Yupanki, que se classificava na metade Hurin, Ataw Wallpa pertencia, pelo lado materno, a uma panaka não menos prestigiada — a do grande Pachakuti, que ocupava posição eminente na metade oposta Hanan. Jogando com a filiação materna e com as relações que esta lhe valia, o pretendente do norte devia atrair, contra as panaka coalizadas da metade de seu meio-irmão, as linhagens de sua própria metade (FAVRE, 2004, p.97).

Num cenário de intrigas e traições entre o sul e o norte, começou a disputa pelo trono de Huayna, e como não houve tempo para a escolha formal de um novo substituto de Ninam Cuyochi, que estava morto. Com o apoio inicial da nobreza de Cuzco e das classes dirigentes do Império Inca, Huáscar, o segundo na linha sucessória se estabeleceu como sucessor do seu pai com o apoio destes e da sua mãe, o que não agradou aos residentes do norte, onde este não era bem visto, e que esperava Atahualpa como o seu novo imperador. A sucessão evidenciou uma questão; a *lei do mais apto*, Atahualpa se destacava mais que o seu irmão Huáscar, principalmente militarmente, pois comandava um exército mais poderoso e vitorioso do que o seu irmão comandava no sul.

Antes das hostilidades entre os irmãos começarem, logo após a morte de Huayna e antes da nomeação de Huáscar como substituto de seu pai, segundo Rostworowski, um grande preparativo para uma viagem póstuma e de sepultamento nas tradições incas aconteceu e que representou o sepultamento do imperador. Tal viagem partiu de Quito para Cuzco. Temendo alvoroços e até rebeliões, a morte de

² Panaka no Império Inca correspondia a família formada pelos descendentes de um Sapa Inca (imperador), com exceção do filho do imperador que o sucederá como novo Sapa Inca. Entre as principais panakas, estão: Tumipampa Ayllu (Wayna Qhapaqpa panakan), a casa real de Huayna Capac; Qhapaq Ayllu (Tupaq Yupankip panakan), a casa real de Túpac Yupanqui; Hatun Ayllu / Iñaka Panaca Ayllu (Pachakutiq Yupankip panakan), a casa real de Pachacuti; Suqsu Panaca Ayllu (Wiraqucha Inkap panakan), a casa real de Viracocha Inca; Apu Mayta Panaca Ayllu (Qhapaq Yupankip panakan), a casa real de Cápac Yupanqui (PANAKA, 2020).

Huayna havia sido mantida em sigilo, e por esse motivo o corpo mumificado do imperador fora transportado como se ainda estivesse vivo. A mãe de Huáscar que já sabia do ocorrido partiu imediatamente para a capital Cuzco, acompanhada por alguns nobres e sem a presença de Atahualpa para noticiar e preparar o seu filho Huáscar para a nomeação como o novo imperador (ROSTWOROWSKI, 2014).

Com a chegada do cortejo fúnebre a Cuzco, Huáscar que já aguardava se enfureceu com os nobres encarregados do transporte funerário, por estes não trazerem o seu irmão Atahualpa com eles. Os nobres, entre eles, Cusi Topa Yupanqui, foram acusados por Huáscar de favorecer o governante do norte e de conspirar contra ele. Os nobres sem acreditar no que acontecia juraram inocência, entretanto, de nada adiantou, pois não conseguiram convencê-lo do contrário, e todos foram torturados e condenados à morte (ROSTWOROWSKI, 2014).

A partir de então, outro grupo de nobres, antigos apoiadores e agora temerosos por suas vidas, se reuniram para conspirar contra Huáscar, que não mais defendia os seus interesses. Entre eles Chuquis Guaman, que conseguiu convencer alguns nobres a tramar contra a vida de Huáscar e de sua mãe, e colocar em seu lugar um dentre os vários meios-irmãos do governante do sul, Cusi Atauchi, porém temendo um fracasso e querendo fortalecer as suas alianças, Guaman decidiu contar todo o plano para um aliado de Huáscar, o príncipe inca Tito Atauchi; outro de seus vários irmãos, que acreditou que este ficaria ao seu lado. No entanto, Tito optou por entregar Guaman e os outros conspiradores a Huáscar, que prontamente ordenou a execução de todos os envolvidos por traição e conspiração contra o agora novo imperador, o que incluiu o seu próprio irmão, Cusi Atauchi.

Além da tortura e consequente execução dos nobres encarregados do transporte do corpo do falecido imperador Huayna, fizeram com que vários outros nobres responsáveis pela comitiva fúnebre ficassem receosos por suas vidas e fossem para Quito. O que gerou uma revolta e insatisfação por parte das Panakas contra os atos de Huáscar, principalmente entre os membros dos Hanan Cuzco³ que eram parentes dos nobres executados.

³ Hanan Cuzco foi uma dinastia ameríndia de origem Quéchuá, que fazia parte da Casa real Inca, tendo se estabelecido no poder depois de relegar a irmã da dinastia Hurin Qusqu para funções religiosas em 1350, ambos fazendo parte do Diarquia Inca. Seu primeiro expoente foi Inca Roca, filho de Tupac Inca Yupanqui, e durou até 1572, quando os espanhóis conquistaram a cidade inca de Vilcabamba que foi o seu último refúgio, bem como a posterior execução de Túpac Amaru em Cuzco (HANAN, 2021).

Decorridos tais acontecimentos em Cuzco, Atahualpa, em Tumibamba, ordenou a edificação de novos palácios já pensando em uma provável visita do seu irmão Huáscar. Porém, um curaca⁴ de nome Ullco Colla, não partidário de Atahualpa, em desacordo com a atitude do governante do norte, decidiu enviar secretamente mensagens para Huáscar se queixando de algumas atitudes e sugerindo que Atahualpa estivesse planejando uma insurreição, o que aumentou ainda mais a desconfiança e fúria de Huáscar contra o seu irmão, que agora acreditava mais ainda que o seu irmão quisesse lhe roubar o título de imperador.

Em Cuzco, Huáscar se irritou com a sua mãe e com uma de suas irmãs por não terem trazido com elas Atahualpa, quando as mesmas estavam em Quito; local onde os principais generais do seu falecido pai se encontravam. Por Atahualpa ter muito apoio e influência no norte, Huáscar acreditava e também temia que o agora seu exército pudesse ficar do lado de Atahualpa em seu apoio, e que o seu meio-irmão poderia estar buscando aliados para conspirar contra ele.

De acordo com López e Aguilar (2015), havia um costume entre os incas de trocar presentes, o que motivou Atahualpa a enviar alguns presentes para o seu irmão em Cuzco, possivelmente com o intuito de manter a paz entre ambos. Porém, Huáscar não recebeu bem o ato do seu irmão, e num gesto de fúria ordenou a morte de alguns desses mensageiros que levaram os presentes, enquanto outros foram mutilados como forma de castigo e de lembrete. Essa atitude foi interpretada por Huáscar como um ato de insubordinação, tendo em vista que apenas o Sapa Inca; título pertencente agora a Huáscar, podia fazer a distribuição dos presentes. Nesse momento, Atahualpa percebeu que se voltasse para Cuzco como ordenara o seu irmão, seria a sua sentença de morte. Outras fontes informam que foram os generais de seu falecido pai que incitaram Atahualpa a se rebelar e lutar pelo trono do Império Inca. A partir daí, os laços entre os irmãos se quebraram de vez e teve início os conflitos e posterior guerra entre eles (HERRERA CUNTTI, 2006).

Nesse meio tempo, outro fator também foi decisivo para o início da guerra, dessa vez por parte de Atahualpa, que além de conviver com tantas mortes causadas pelo o seu irmão, a qual também incluía alguns de seus parentes, ainda

⁴ Curaca é um termo quéchua que quer dizer superior ou principal. No Império Inca os curacas eram títulos dados pelo imperador, tinha como uma função de governador de uma província do Império Inca, devendo reportar tudo ao imperador. Os curacas eram chefes dos ayllus (comunidade familiar de trabalhadores coletivos) e coletores de impostos, além de autoridades religiosas. Os curacas também tinham alguns privilégios, como a isenção de impostos, a poligamia, e até o direito de andar de liteira (CURACA, 2022).

foi ameaçado de ser destituído do título de governante do norte pelo seu irmão Huáscar, algo absolutamente possível já que Huáscar era o novo imperador e tinha plenos poderes para isso. Dessa forma, teve início às hostilidades entre ambos. Atahualpa junto de apoiadores reuniu o seu exército e iniciou uma revolta. Huáscar do outro lado fez o mesmo, iniciou aproximadamente em 1529, antes da terceira expedição espanhola, o embate e conseqüente guerra entre os filhos de Huayna Capac pela liderança absoluta de todo o Império Inca.

Na primeira batalha entre os dois exércitos, as tropas de Huáscar saíram vitoriosas e capturaram Atahualpa, que foi feito prisioneiro, mas este não ficou preso por muito tempo e acabou conseguindo escapar com a ajuda de alguns de seus adeptos. Após a fuga, Atahualpa se reorganizou e, com o seu exército, rumou para Quito e, em seguida, atacou à Tumibamba, onde o seu irmão, Huáscar, junto com o seu exército, estavam tentando tomar o controle. Na região denominada Caxabamba, Atahualpa com as suas tropas resolveu mostrar que podia ser tão impiedoso e cruel quanto o seu irmão, e ordenou o massacre que vitimou todos os povos que apoiavam ou simplesmente mudaram de lado e se aliaram ao seu irmão. Atahualpa continuou com sua violenta investida, e deixou um rastro de morte até chegar à região de Tumbes.

Nessa região, o massacre foi interrompido devido ao alto número de apoiadores de Atahualpa. O curaca de Tumbes chamado Chirimasa, que também era adepto de Atahualpa, lhe concedeu um exército com cerca de 12 mil guerreiros. A ideia era unir forças e utilizar os guerreiros e suas balsas para chegar à ilha de Puná, no atual Equador, onde os habitantes eram inimigos dos tumbis e apoiadores de Huáscar. Porém, o resultado não saiu como o esperado pelos dois aliados e seus exércitos devido à grande experiência de navegação do povo daquela ilha, que se saíram vitoriosos no confronto pelo mar, mesmo estes estando em menor número.

Em 1530, com a guerra voltada para o lado sul, que parecia mais próximo da vitória, Huáscar organizou as suas tropas sob a liderança do seu general e, também, irmão Huaminca Atoc, que partiram em direção ao norte. Em Quito, Atahualpa se reuniu com os seus generais, entre eles Quizquiz, e organizaram as tropas para proteger o norte e o avanço contra as forças de Huáscar, que planejava invadir e tomar o controle de Tumibamba e Quito. Desse confronto, mais uma vez, o exército de Huáscar saiu vitorioso. Entretanto, não conseguiu capturar Atahualpa que fugiu com parte do seu exército (ROSTWOROWSKI, 2014).

Posteriormente, Atahualpa, com o seu exército, chegou a uma região chamada Latacunga, e conseguiu reunir mais guerreiros para fortalecer as suas tropas. A ordem de não recuar e sufocar os seus inimigos foi dada para outro de seus generais, Chalcuchimac, que juntou as suas tropas com as de Quizquiz em uma segunda batalha. Dessa vez, com a mudança de estratégia de Atahualpa e de seus generais, o exército de Huáscar sofreu a primeira derrota, e de forma esmagadora (HERRERA CUNTTI, 2006). Nessa batalha, foram capturados e brutalmente executados o general Huaminca Atoc e o nobre Ullco Colla; aquele que anteriormente enviou secretamente mensagens a Huáscar, contra Atahualpa. O jogo começou a virar para o lado de Atahualpa.

Após essa vitória, Atahualpa, junto de suas tropas, seguiu para uma região chamada Canari; atual província do Equador onde os massacres a desafortunados e não apoiadores continuaram. Devido às últimas vitórias do seu exército contra o do seu irmão, Atahualpa ficou mais confiante e passou a acreditar ainda mais na sua vitória completa. Segundo López e Aguilar (2015), para zombar daquela tribo, ali mesmo resolveu se autoproclamar Sapa Inca, ou seja, imperador; título que de forma legítima ainda pertencia ao seu irmão Huáscar. A sua primeira medida como novo imperador foi trocar Cuzco por Tumibamba como a nova capital do Império Inca, algo dessa natureza havia sido especulado pelo seu pai, que quando em vida pensava em transferir a capital do império para o norte.

Como muitos dos seus soldados foram mortos, Huáscar nomeou um novo general para comandar e recrutar novos membros para as suas tropas, o seu meio-irmão Huanca Auqui. O alvo agora era Tumibamba e uma região chamada Molleturo, onde a derrota foi significativa. Parte das forças de Atahualpa rumou para o sul, onde novos membros foram recrutados para equilibrar as coisas, já que o exército de Huáscar era maior em números. As tropas de Atahualpa então avançaram para o sul e mesmo com um contingente menor conseguiram fazer com que o exército inimigo recuasse em direção à Cuzco, onde novas derrotas aconteceram. O que fazia a vitória plena de Atahualpa e suas tropas parecerem próximas.

Em Cajamarca, os sobreviventes do exército de Huáscar se organizaram e se juntaram aos reforços de cerca de 10 mil indígenas trazidos pelo general e leal Tito Atauchi; aquele que entregou os planos de conspiração dos nobres contra Huáscar. Do outro lado, o general Quizquiz, que liderou parte das tropas de Atahualpa,

acabou por ocupar uma região chamada Huancabamba, e seguiu para enfrentar as forças de Atahualpa numa localidade chamada Cochahuaila. Ambos os exércitos se enfrentaram numa batalha brutal que perdurou por várias horas. No dia seguinte, os guerreiros do norte atacaram e mataram mais da metade de uma tribo chamada Chachapoyas, que lutavam do lado de Huáscar. Durante esse meio tempo, Atahualpa recebeu informações de que estrangeiros tinham vindo do mar e avançavam pelo território inca.

As forças de Huáscar continuaram diminuindo e sucessivas derrotas aconteceram. Em Cochagailla, Pumpu e Jauja, o exército de Atahualpa saiu vitorioso. A derrota de Huáscar parecia cada vez mais próxima, pois, em 1532, Huáscar com seu exército e o ego fragilizado devido às sucessivas derrotas resolveu partir para o tudo ou nada. De acordo com Baella, o irmão do sul decidiu liderar o exército e partiu para o campo de batalha, onde optou por dividir o seu exército em três, um liderado por Huanca Auqui que tinha a missão de monitorar e emboscar o inimigo, e outro por Uampa Yupanqui que tinha como alvo a região de Cotabambas, para lidar com o inimigo que lá se encontrava. Já o irmão do norte cada vez mais fortalecido já ocupava o sul do império, e os seus generais atravessaram o Rio de Cotabambas (BAELLA, 2014).

Na batalha final que se aproximava, as tropas do general Uampa Yupanqui lutaram contra as forças inimigas na região de Apurímac, atual Peru. Nesse confronto, um dos generais de Atahualpa, de nome Tomay Rima, foi morto. Durante a noite, as tropas de Atahualpa, que agora estavam sem liderança, recuaram para um monte para se salvarem. Estrategicamente vendo que a região onde os seus inimigos se escondiam era cercada de grama seca, Huáscar resolveu pôr fogo na área, e vários dos seus inimigos foram mortos carbonizados. Porém, uma decisão equivocada custou muito caro para o sul, cuja vitória parecia certa. Huáscar então optou por não perseguir os sobreviventes inimigos e permitiu que os mesmos fugissem e se reagrupassem.

No dia seguinte, o objetivo de Huáscar era encontrar os inimigos que escaparam e por fim o quanto antes a batalha. Um de seus generais sobreviventes, Topa Atao, partiu com essa missão. Chegou a um local conhecido pelo nome de Chontacajas, foi surpreendido pelas tropas de Challcuchimac e acabou caindo em uma emboscada liderada pelo general de Atahualpa. Assim, o general de Huáscar acabou sendo capturado. As tropas de Quizquiz, que também estavam presentes,

atacaram por trás e surpreenderam Huáscar que estava confiante da sua vitória. O imperador estava cercado: na frente por Chalcuchimac e por trás por Quizquiz. Foi capturado, feito prisioneiro e o restante do seu exército se dispersou. E os que não conseguiram fugir foram mortos.

A guerra, que parecia ter chegado ao fim com a prisão de Huáscar, tinha ainda mais um capítulo para o seu desfecho. De acordo com Guillen e Mendoza (1980), o general Chalcuchimac, numa estratégia brilhante, teve a ideia de se passar por Huáscar e atacou o que sobrou do exército do Sul, e, em seguida, partiu para uma região denominada de Huanacopampa, pois lá se concentravam as últimas tropas de Huáscar. O general de Atahualpa, ao estilo dos imperadores, chegou numa liteira fingindo ser Huáscar e acabou por aniquilá-los nesse último combate (GUILLEN; MENDOZA, 1980). Em Cuzco, Huanca Auqui, ao saber da captura do seu imperador, dispersou o que sobrou das suas tropas. Chegou então ao fim a chamada guerra dos dois irmãos.

As notícias da vitória do norte sobre o sul começaram a se espalhar, e Atahualpa já comemorava a sua vitória e planejava de forma oficial se entronizar como o novo Sapa Inca, porém queria lidar primeiro com os estrangeiros que invadiram o agora seu império. Para tanto, ordenou então que levassem o seu irmão derrotado para Cajamarca onde planejava se encontrar com os estranhos invasores. Mal sabia ele da desgraça que o aguardava e ao seu império.

Foi esse cenário de guerra e disputa pelo poder político e territorial que os espanhóis encontraram quando invadiram o Império Inca. Como predadores ferozes, aguardaram a presa enfraquecer para agir; esperaram estrategicamente pelo fim de uma guerra que deixou dezenas de milhares de mortos. Foi dessa forma que os espanhóis se aproveitaram para conquistar o maior império pré-colombiano das Américas. Um gigantesco império fragilizado por uma guerra desnecessária, que podia ter sido evitada.

5. O ENCONTRO E A CAPTURA DE ATAHUALPA

No final de 1532, após a grande vitória do norte contra o sul, a custo de muito sangue, Atahualpa que já sabia dos estrangeiros perambulando pelos seus domínios, pretendia resolver o que faria com o seu irmão Huáscar e se reunir com os estrangeiros. Atahualpa e parte do seu exército descansavam e comemoravam a recente vitória ao som de muita música em Cajamarca, onde pretendia conversar e descobrir quais eram as intenções daquele pequeno grupo de homens brancos e barbudos que se vestiam estranhamente, que o novo imperador não temia, mas, que muito o intrigava. De acordo com Favre (2004), Atahualpa tinha nesse encontro a intenção de capturar os invasores vivos e torná-los prisioneiros e servos, além de reparti-los entre a nobreza inca.

Os espanhóis, que se encontravam em São Miguel, aguardavam por meses pelo fim da guerra, como parte da estratégia estabelecida por Pizarro. Ao saber do fim da disputa entre Huáscar e Atahualpa, e da vitória do norte, Pizarro imediatamente se organizou com os seus homens e partiu rumo a Cajamarca, onde o vitorioso e orgulhoso Atahualpa acampava junto com os seus homens. A caminhada até lá foi difícil e penosa, o que custou dias de caminhada para o grupo de Pizarro que ainda estava dividido, já que o grupo de Almagro tinha ficado para trás para apoio como parte do plano. O grupo atual de Pizarro contava com cerca de 168 homens numa missão de invasão e conquista que parecia suicida. O objetivo principal de Pizarro nesse encontro entre espanhóis e incas era o de pegar o imperador inca de surpresa, e fazê-lo prisioneiro, estratégia semelhante à de Hernán Cortés no Império Asteca, quando este fez Montezuma, o soberano asteca de refém (PRODANOV, 2004).

Antes do encontro entre Pizarro e Atahualpa acontecer, e antes da chegada a Cajamarca, outro espanhol chamado Hernando de Soto, chegou a liderar um pequeno grupo de homens e se juntou em ajuda a comitiva de Pizarro, que há muito aguardava por reforços em sua missão de conquista. Acompanhado do grupo de De Soto, que já havia passado pelo acampamento dos incas em busca de informações e tido o primeiro contato com os mesmos, estava um representante de Atahualpa, que trazia alguns presentes de boas vindas para Pizarro; que educadamente retribuiu o gesto da mesma forma. O representante inca tinha como objetivo, além dos presentes, de comunicar que Atahualpa queria um encontro com Pizarro, e que

o estaria esperando em Cajamarca. Contudo, o objetivo principal do inca era o de observar os espanhóis e os seus equipamentos, para verificar se esses poucos homens seriam uma real ameaça aos incas. Estratégia que há muito tempo já era mantida pelos espanhóis.

Partindo para Cajamarca, Pizarro ordenou que o seu irmão Hernando Pizarro fosse à frente com alguns homens, e recolhessem o máximo possível de informações com os nativos sobre Atahualpa e seu exército. Após dias de caminhadas exaustivas e frio congelante, os espanhóis atravessaram os Andes e finalmente chegaram à cidade de Cajamarca. Stirling (2005) descreve essa chegada da seguinte forma:

Por várias horas, Atahualpa esperou por sua chegada, olhando por todo o vale em direção às colinas do norte e para o céu escuro do inverno. A primeira indicação de sua chegada foi um ruído que parecia o som repetido da chuva, mas suas sentinelas lhe disseram que aquele era o barulho de cavalos; logo ele pôde ver seus cavaleiros com capacetes emplumados se movendo ao longo de uma nuvem de poeira, suas lanças apoiadas sobre os ombros. Marchando atrás deles, a certa distância, vinha a figura alta de Pizarro à frente de seus soldados de base. Estava acompanhado do frei Valverde, com a grande cruz de madeira que havia trazido do Panamá amarrada à sua mula. Era sexta-feira, dia 15 de novembro de 1532 (STIRLING, 2005, p.53).

Já estava anoitecendo quando Pizarro e seus homens se instalaram em uma das construções de Cajamarca, onde aguardavam ansiosos pelo encontro, que teve que ser adiado para o dia seguinte a pedido de Atahualpa que havia enviado um mensageiro informando a sua decisão. Hernando de Soto, que parecia mais ansioso que o próprio Pizarro, pediu autorização para ir com alguns dos seus homens e um indígena intérprete para conversar com o imperador inca, Pizarro acabou permitindo, mesmo que meio a contragosto por achar imprudente.

De Soto partiu a cavalo naquela noite para o acampamento inca que não ficava muito longe de onde estavam alojados, para dialogar com Atahualpa. Os espanhóis chegaram a uma praça onde foram recebidos por vários nobres e guerreiros incas, onde perceberam a pompa em volta dos nobres e principalmente no alojamento do seu imperador. De Soto recebeu a informação de que Atahualpa o receberia em breve e que eles deveriam aguardar. No alojamento espanhol, Pizarro já impaciente com a demora e pensando no pior, mandou o seu irmão Hernando Pizarro com alguns homens para saber o que havia ocorrido com o grupo de De Soto.

Chegando lá, Hernando Pizarro percebeu o mal entendido e foi informado por De Soto que eles tinham que esperar a boa vontade do imperador inca em recebê-los. Quando a paciência dos espanhóis estava no fim, Atahualpa saiu do seu alojamento e demonstrou toda a sua opulência aos estrangeiros e rodeados de mulheres que o serviam. Atahualpa que demonstrava ser superior a todos, só dava um pouco de atenção a Hernando Pizarro, por saber que ele era irmão do líder dos espanhóis, em contrapartida, ignorava totalmente a Hernando de Soto. Vendo a irritação de De Soto por estar sendo ignorado e tratado com indiferença, Hernando Pizarro através de um intérprete disse a Atahualpa que não havia distinção entre eles e que ambos são capitães a serviço do rei da Espanha. Por fim, ficou combinado entre eles que no dia (sábado) seguinte o encontro finalmente se realizaria (STIRLING, 2005).

Os espanhóis observaram tudo atentamente, desde o exército de Atahualpa e as suas armas rudimentares, as riquezas que iriam espoliar, até a localidade e as construções onde já iriam montar as estratégias para o dia seguinte. Um fato curioso ocorreu na despedida entre eles, o que irritou o imperador inca que queria passar para os espanhóis a imagem de inabalável e invencível. Foi descrito por Stirling (2005) da seguinte maneira:

Protegendo seu acampamento havia mais de quarenta mil índios guerreiros em seus esquadrões e muitos senhores importantes da terra. E ao partir, Hernando de Soto suspendeu as pernas de seu cavalo, próximo ao que estava posicionado o primeiro desses esquadrões, e os índios dos pelotões fugiram, caindo uns sobre os outros. E quando voltamos para Cajamarca, Atahualpa ordenou que 300 deles fossem mortos porque haviam demonstrado medo e fugido, e isso ficamos sabendo no dia seguinte quando encontramos seus corpos (STIRLING, 2005, p.55).

Como combinado, no dia anterior, os incas se organizaram para o grande encontro. Atahualpa que já demorava muito por estar se preparando para o encontro com Francisco Pizarro e seu pequeno grupo de homens, partiu com toda a sua pompa e elegância sentado imponentemente em sua liteira (cadeira ou trono móvel carregado por duas, quatro, ou oito pessoas) para o acampamento onde estavam alojados os estrangeiros, que não ficava muito longe de onde os incas estavam. Cerca de 600 indígenas acompanharam o imperador enquanto que milhares que compunham uma parte do exército que se encontrava em Cajamarca ficou aos arredores, de vigilância por ordens do próprio Atahualpa.

No acampamento espanhol, Pizarro que já estava impaciente e irritado com a demora de Atahualpa, pensava no pior, e que Atahualpa poderia estar planejando algo contra eles. Já era tarde de sábado e nenhum sinal de Atahualpa, Pizarro ordenou que Hernando de Aldana, um daqueles homens que ficaram no povoado de Tumbes durante a segunda expedição para aprender a língua quéchuá, vá para se encontrar com os incas. Aldana encontrou Atahualpa e sua comitiva em lenta marcha para o acampamento espanhol e passou uma mensagem de Pizarro, pedindo que os mesmos se apressassem, pois o anoitecer estava próximo. Atahualpa atendeu ao pedido de Pizarro, e acelerou o passo do seu séquito.

Os espanhóis aguardavam ansiosos e nervosos a chegada dos incas, ainda mais com o fato que ocorreu na noite anterior, após os espanhóis voltarem do acampamento inca, uma festividade foi iniciada pelos indígenas ao som de muita música, que pôde ser ouvida no acampamento espanhol. O grupo de Pizarro não sabia o motivo da celebração, se era pela chegada deles, se ainda comemoravam a vitória na guerra dos dois irmãos, ou no pior cenário, se, se tratava de um ataque surpresa camuflado de festividade, o que na dúvida fez muitos espanhóis perderem o sono de tanta preocupação.

Antes da chegada de Atahualpa, os espanhóis se preparavam para cumprir o seu primeiro objetivo, que era de capturar vivo o imperador inca, para tanto, uma emboscada foi armada pelo próprio Pizarro, que a essa altura já era chamado de governador pelos seus homens. Os espanhóis contavam nesse momento com apenas 160 homens, incluindo o próprio Pizarro. Como havia apenas 60 cavalos, 75 homens ficaram a pé posicionados estrategicamente nas partes altas das construções de Cajamarca, armados com seus arcabuzes, mosquetes e mirando para a entrada e o centro de uma das praças principais de Cajamarca, onde o encontro havia sido combinado para acontecer. Os homens que ficaram a cavalo foram divididos em três grupos armados com suas espadas e lanças e posicionados da seguinte forma: um com Hernando Pizarro, outro com Hernando de Soto e seus homens e o último com Sebastián de Belalcázar com o seu grupo de homens. Pizarro se posicionou em um forte que ficava perto da praça, junto de 24 dos seus homens (STIRLING, 2005).

Quando Atahualpa e sua comitiva finalmente chegaram ao lugar do encontro, se surpreenderam por não acharem ninguém ali, a não ser Felipinho (nome dado pelos conquistadores), um dos intérpretes espanhóis e um daqueles indígenas do

povoado de Tumbes que foram levados à Espanha por Pizarro, durante a segunda expedição para aprender o castelhano. Atahualpa então perguntou ao indígena do paradeiro daqueles homens barbudos, o qual é informado de que eles se escondem. O intérprete de Pizarro pediu que Atahualpa descesse da sua liteira, ao se recusar, o capelão da expedição, Frei Vicente de Valverde, apareceu e informou o motivo de estarem ali. Frei Valverde disse a Atahualpa que aqueles homens vieram em nome do papa Clemente VII e do rei Carlos V da Espanha, e que Atahualpa e seu povo deveriam se submeter ao rei espanhol e se converterem ao cristianismo.

Atahualpa observou e ouviu tudo com indiferença. O Frei continuou falando em nome de Deus e sobre os sacramentos da Santa Igreja Católica, ao passo que tudo foi traduzido pelo índio Felipinho. Frei Valverde, que portava em uma mão uma cruz e na outra a Bíblia, estendeu o livro sagrado para o imperador inca e lhe disse que ali estava à palavra de Deus e que todos deveriam ouvir e obedecer. Há relatos que afirmam que o imperador inca recolheu o livro das mãos do Frei e o pôs no ouvido, a fim de ouvir algo. Desapontado por não ouvir as tais palavras proferidas por Valverde, Atahualpa arremessou a Bíblia ao chão (PRODANOV, 2004).

Tudo se encaminhava como o planejado pelos espanhóis que acabavam de receber o primeiro sinal que poderiam usar para legitimar o ataque e a conquista daquele império. Pizarro, que se escondia a alguns metros dali, observou tudo atentamente, o líder espanhol queria apenas um pretexto para iniciar um ataque, que veio logo após o seguinte diálogo entre Atahualpa e Frei Valverde:

E ao pronunciar essas palavras do Santo Evangelho Atahualpa lhe disse: "A quem pertence essas palavras?" E ele respondeu: "As palavras de Deus". E Atahualpa perguntou: "Como isso é possível?" E o frei Vicente lhe respondeu: "Veja, aqui está escrito". E mostrou-lhe um breviário que ele abriu e Atahualpa exigiu que lhe entregassem o livro e o pegou, e depois de analisá-lo, jogou-o ao chão e ordenou: "Não deixem que nenhum deles fuja!" E os índios emitiram um grito forte, bradando: "Incas, que assim seja!" E os gritos nos assustaram imensamente. E o frei Vicente voltou e subiu no muro onde o governador estava e lhe disse: "Vossa Excelência, o que irá fazer? Atahualpa é como Lúcifer!" (STIRLING, 2005, pp.55-56).

Em outra descrição, fora registrado que Atahualpa com desdém jogou a Bíblia ao chão, o Frei indignado o acusou de heresia. Antes de o ataque iniciar, o imperador inca disse a Valverde e para os espanhóis que ainda se escondiam que eles tinham muito a lhe explicar. Atahualpa queria saber o que eles faziam no seu reino e que não sairia de onde estava enquanto não obtivesse as respostas para

todas as suas perguntas. Frei Valverde enfurecido apanhou a Bíblia e aos gritos de herege, olhou em direção ao local onde Pizarro se escondia e lhe disse: não vês que estamos perdendo tempo com esse cachorro cheio de arrogância, e que enquanto isso a praça está se enchendo de índios? Puna-os que eu os absolvo em nome de Deus (PRODANOV, 2004).

O grande momento esperado por aqueles homens e principalmente por Pizarro, finalmente chegou, e mesmo que nervosos e assustados com o número de incas que só crescia, Pizarro autorizou o ataque. Ao sair de seus esconderijos, e aos gritos de “por São Tiago”, os espanhóis surgiram de todos os lados e cercaram os incas que lotavam a praça principal de Cajamarca. Ao som dos primeiros disparos de arcabuzes, mosquetes e de um canhão, os incas se assustaram e entraram em desespero com o grande barulho e com a fumaça que se espalhava pela praça. Logo em seguida, a cavalaria inicia o seu ataque no alto de seus grandes cavalos e munidos de suas espadas de aço. Os incas, que em sua maioria estavam praticamente desarmados, alguns munidos apenas de pequenas facas e laços para caçar lhamas, não conheciam os cavalos e nem aquelas armas que cuspiam fogo e fumaça, e num pânico generalizado se tornaram presas fáceis para os espanhóis, que ao fio da espada matou a maioria dos indígenas que se amontoavam desesperados numa tentativa de fuga e de proteção ao seu imperador.

Atahualpa, ainda em sua liteira segurada por quatro ou oito indígenas que à medida que morria eram substituídos por outros carregadores, observava tudo sem ação e sem acreditar no que via; seus súditos morriam um a um bem na sua frente para um pequeno grupo de forasteiros, a quem o inca erroneamente julgava inofensivo. O próprio Pizarro acompanhado de alguns homens faz a captura de Atahualpa, o arrancando de seu trono móvel, que em nenhum momento reagiu a sua prisão, ainda atônito com o banho de sangue que presenciara. À maior parte do seu exército que observava tudo ao longe, assim como o seu imperador também fica sem ação e apenas assiste a captura de seu soberano.

Um verdadeiro massacre que durou cerca de 2 horas ocorreu naquele dia em Cajamarca, onde cerca de 6 a 8 mil indígenas foram mortos, enquanto as tropas de Pizarro não tiveram nenhuma baixa sequer, a não ser um homem levemente ferido. Outros relatos que surgiram dezenas de anos depois diferem da versão dos espanhóis, quando dizem que na verdade o número de mortos era maior. Um indígena chamado Sebastián Yacobilca relatou a missionários que ele foi

testemunha das atrocidades feitas pelos irmãos Pizarro e seu grupo de conquistadores, segundo ele cerca de 20 mil indígenas foram brutalmente assassinados somente naquele dia (STIRLING, 2005).

No dia seguinte ao massacre, a praça principal de Cajamarca estava repleta de milhares de corpos de índios e seu chão e suas paredes banhados na cor vermelha do sangue daquele povo. O odor de morte se impregnou em Cajamarca por dias. Para os sobreviventes, sobrou lamentar a captura de seu imperador e a morte de seus entes, como as milhares de mulheres, filhos/filhas dos milhares de guerreiros mortos que esperavam pela volta de seus companheiros e pais.

Passados os brutais eventos, na manhã de domingo, do dia 17 de novembro de 1532, Pizarro se reuniu com os seus homens e com Frei Valverde para agradecer a Deus pela vitória, como também aos seus conquistadores que arriscaram as suas vidas numa missão que parecia impossível, devido ao número de índios que era infinitamente superior ao número de espanhóis. O próximo passo de Pizarro foi o de recompensar aos seus homens pela façanha, através da pilhagem de tesouros pela cidade de Cajamarca, como também o de usar com sabedoria a autoridade do inca Atahualpa, seu ilustre prisioneiro que também fora feito de refém pelos espanhóis, próximo ao local do confronto.

A estratégia de Pizarro foi melhor que o esperado e com a captura de Atahualpa, os incas ficaram sem direção. Mesmo estando os indígenas em um número absurdamente superior aos espanhóis, estes ficaram desolados, sem saber como agir, e como poderiam ter o seu imperador de volta. Os generais de Atahualpa acompanhados de suas tropas jamais se distanciaram totalmente do local de prisão de seu imperador, sempre o acompanhavam de longe, e pensavam na melhor forma de realizar uma missão de resgate que não comprometesse a integridade física de seu soberano.

Após os eventos ocorridos, como o massacre de Cajamarca, a captura de Atahualpa e a consequente conquista do império inca por Francisco Pizarro e seu pequeno exército, algumas perguntas importantes surgiram: por que Atahualpa não atacou com força máxima a pequena tropa de Pizarro? Por que os incas estavam desarmados quando enfrentaram os espanhóis? A grande vantagem numérica do exército inca contribuiu para essa equivocada tomada de decisão por parte do soberano inca. Atahualpa acreditava numa vitória fácil. O pequeno grupo de Pizarro que chegou a Cajamarca contava com cerca de 160 homens, exceto os dois padres,

os dois indígenas intérpretes/guias e outros não combatentes como o escrivão de Pizarro, Francisco López de Jerez, pois estes não participaram da batalha. Os indígenas de Atahualpa somavam inicialmente 600, que passaram para milhares após o início da batalha, chegou ao máximo de oito mil, que foram mortos naquele fatídico dia, sem contar alguns que fugiram e outros que foram feitos prisioneiros. Contudo, isso ainda não explicava todo esse excesso de confiança do imperador inca.

Muitos dos espanhóis liderados por Pizarro eram inexperientes e alguns entraram em combate pela primeira vez. Como era normal de se esperar, a vitória sobre os incas em Cajamarca foi creditada pelos próprios espanhóis ao seu armamento superior e aos cavalos que aterrorizavam os incas, além do fato dos indígenas estarem quase que totalmente desarmados durante o confronto, o que não ocorreu quando Hernando de Soto e Hernando Pizarro estiveram no acampamento inca no dia anterior, rodeados por cerca de 40 mil indígenas armados. Segundo Stirling (2005), nenhuma explicação é dada pelos conquistadores ou pelos indígenas quanto ao motivo que levou o imperador inca a não estar acompanhado de suas tropas de guerreiros quando estes entraram naquela Praça em Cajamarca. O que fica evidente “era o desejo de demonstrar aos espanhóis e a seu próprio povo sua soberania e coragem, que alguns de seus guerreiros não tiveram quando foram desafiados pela cavalaria de Hernando de Soto” (STIRLING, 2005, p.57).

Segundo outras fontes, o que motivou o imperador inca Atahualpa a não seguir com força máxima para a praça principal de Cajamarca, e não confrontar Pizarro e seus conquistadores com tudo o que tinha e ainda por cima, ordenar que o seu exército se desarmasse para lidar com os espanhóis, foi o seu orgulho, qual seja, inflado após a vitória na guerra civil contra o seu irmão Huáscar, pelo direito de governar todo o Império Inca. Pensando bem, se Atahualpa conseguiu vencer uma guerra com um número menor de combatentes, por que perderia essa última para algumas centenas de homens? Pensamento normal de se esperar, porém, subestimar o inimigo desconhecido e suas forças a ponto de reduzir e ordenar o desarme de seu exército não foi nem de longe a melhor atitude a ser tomada. De acordo com Prodanov (2004), um dos fatores que pesaram a favor da conquista espanhola foi o fato dos incas, mas precisamente de Atahualpa, de menosprezar o potencial dos invasores espanhóis.

Outro indício, que pode explicar as atitudes tomadas por Atahualpa perante os espanhóis, está na mitologia inca e em suas lendas, como a que conta a origem do povo inca. Nessa lenda, é dito que Inti, o deus sol fez surgir por volta do século XIII às margens do grande lago Titicaca⁵ os seus fundadores, e os primeiros incas, Manco Cápac que foi o primeiro governante de Cuzco, e Mama Ocllo, irmã e também esposa de Manco. Em outra dessas lendas, é dito por Domingues (2015) que deuses chegariam vindos do mar e salvariam os incas de qualquer mal que assolasse o império. Coincidência ou não, em 1529 teve início um dos momentos mais dramáticos para os incas antes da conquista espanhola, a guerra dos dois irmãos era travada entre os filhos de Huayna Cápac, Huáscar, o herdeiro legítimo, e Atahualpa, o filho bastardo, pelo direito de governar todo o Império Inca. Para completar, nesse mesmo ano, em sua segunda expedição, os espanhóis liderados por Francisco Pizarro tiveram seu primeiro contato com o povo da região de Tumbes.

Muitos incas que conheciam as lendas passaram a imaginar que os estrangeiros seriam os deuses das histórias que eles ouviam, e que tais deuses poderiam lhes salvar do mal da guerra ou os libertar do domínio inca, já que a grande maioria não era um inca legítimo e não tinha os mesmos direitos, tendo sido esses incorporados ao Império Inca de forma pacífica ou não. Com relação à guerra dos dois irmãos, não houve nenhuma intromissão por parte de Pizarro ou dos seus homens, o que fazia parte da estratégia do líder espanhol, para que o máximo de indígenas morresse durante a guerra e assim facilitar sua missão de conquista. No segundo caso, houve interferência, mas não porque os espanhóis fossem bonzinhos e queriam libertar aqueles povos do jugo inca, mas sim, porque queriam forjar alianças, para assim ampliar o seu pequeno exército para o processo de conquista e sua manutenção que se seguiu após a captura de Atahualpa. Nessas alianças, a maior parte dos combatentes era composta por indígenas.

O povo de Tumbes não era composto por incas legítimos, ainda assim ficam do lado de Atahualpa na guerra dos dois irmãos, como também cederam dois indígenas para Pizarro usá-los como intérpretes e guias em sua missão. Esses

⁵ O lago Titicaca se localiza na Cordilheira dos Andes, entre o Peru e a Bolívia e é um dos maiores lagos da América Latina, e tido como o local de nascimento do povo inca. Devido a sua altitude o lago Titicaca tem o curso d'água navegável mais alto do mundo, ultrapassando os mais de 3.800 metros acima do nível do mar. Suas águas são claras e tranquilas, e ao redor se localiza a reserva nacional do Titicaca, onde se abriga uma rica e rara fauna, selvagem e aquática que é cercada de grandes belezas naturais (TITICACA, 2020; LAGO, 2021).

foram os primeiros aliados dos espanhóis e foram muito importantes no decorrer do processo de conquista. Nos primeiros contatos entre os espanhóis e o povo de Tumbes, um misto de sentimentos surgiu como curiosidade, estranheza ou medo. Percebendo Pizarro, e os outros espanhóis a curiosidade dos indígenas, e já sabendo que muitos acreditavam que eles poderiam ser deuses, eles resolveram se aproveitar da situação para tirar vantagens.

[...] a curiosidade em relação aos espanhóis fez com que o cacique local se interessasse pelos arcabuzes dos marinheiros. Segundo o relato do historiador John Hemming, os espanhóis procuraram fazer com que este chefe local ficasse assustado com a arma de fogo. Para tanto, procuraram - através do uso - convencê-lo de que aquele instrumento era uma divindade que lançava fogo de seu ventre (PRODANOV, 2004, p.24).

Atahualpa antes de sua prisão mantinha vários espiões circulando pelo império, um desses espiões era chamado de Apu, era o espião chefe de Atahualpa, e observava os espanhóis há um tempo. Certo dia, Apu chegou trazendo informações importantes para o seu imperador a respeito dos invasores. O chefe dos espiões disse ao seu soberano que aqueles homens não são deuses como muitos acreditavam, que os viu com frio, cansados, que os viu doentes, e que alguns até morreram (BOOK, 2017). Atahualpa não podia receber informações melhores que aquelas.

Antes do encontro com os espanhóis, Atahualpa se reuniu com os seus principais generais para tratar das estratégias a serem adotadas e assim enfrentar os espanhóis com os seus poucos combatentes. O imperador inca queria demonstrar a todos que o único deus ali era ele, e que não precisava de um grande exército, muito menos de armas para derrotar aquele pequeno grupo de homens.

Dessa forma, Atahualpa mostraria para os estrangeiros e para todos do seu reino a sua coragem e soberania, e que ninguém era mais digno que ele para governar o império deixado pelo seu pai, nem mesmo o seu irmão Huáscar. Foi dessa maneira inconsequente, e com o pensamento arrogante de subestimar o potencial dos estrangeiros, que Atahualpa perdeu o seu império, acabado de conquistar do seu irmão, de maneira súbita e humilhante, para um punhado de homens brancos e barbudos.

6. PRISÃO, TRAIÇÃO E MORTE

Capturado, Atahualpa, foi mantido prisioneiro dos espanhóis em uma sala dentro de uma das construções de Cajamarca, próximo ao local onde foi massacrado. Da sala da prisão, o imperador inca era constantemente vigiado pelos espanhóis, e tinha direito a algumas visitas de seu povo e acesso a uma janela que ficava no alto do recinto. Dali, Atahualpa conseguia se comunicar com a sua gente e se informar de tudo o que acontecia no império que outrora comandara.

Na condição de prisioneiro, Atahualpa não tinha muitas formas de passar o tempo, a não ser observar e ouvir tudo ao seu redor. Foi observando que Atahualpa descobriu uma forma de obter a sua liberdade do cárcere espanhol e até retomar o controle do seu reino. Não demorou muito para ele perceber a ganância dos estrangeiros por ouro e outras riquezas. Atahualpa vendo o interesse descontrolado de Pizarro e seus conquistadores por ouro propôs um acordo ao líder espanhol.

De acordo com o relato de alguns cronistas, Atahualpa ofereceu a Pizarro em troca da sua liberdade, o cômodo em que estava preso, cheio de ouro e de prata; proposta imediatamente aceita pelo conquistador, que ficou descrente ao mesmo tempo entusiasmado que uma quantidade tão grande de ouro e prata poderia existir naquele reino. Essa ação foi tão grandiosa e trabalhosa que foram necessários cerca de oito meses de preparativos (PRODANOV, 2004). Um relato diferente foi dado por Stirling (2005), na sua versão ficou dito que foi Pizarro quem pediu ouro e prata a Atahualpa, dizendo que,

[...] O cavaleiro Juan Ruiz de Arce se lembrou de que Atahualpa fora aprisionado em uma câmara com “6 metros de comprimento e 4 metros de largura”. Um índio, que estivera presente quando Pizarro visitou seu prisioneiro pela primeira vez, testemunhou que exigira ouro e prata, e que “Atahualpa, por temer ser morto, pediu um intérprete e lhe disse: “diga aos cristãos que, se não me matarem, eu lhes darei toda esta câmara cheia de ouro”, Diego de Trujillo registrou que Atahualpa então prometeu “encher duas câmaras inteiras, e com uma linha branca marcou a altura de quase duas pessoas, e ordenou que aquilo fosse cumprido com muito cuidado porque sua vida dependia daquele ato, e assim, seus mensageiros partiram para todas as regiões” (STIRLING, 2005, p.58).

Com o acordo firmado entre Atahualpa e Pizarro, o inca passou a sonhar com a sua liberdade, enquanto Pizarro sonhava com as riquezas que aquele reino estava prestes a lhe proporcionar. O imperador inca ganhava mais liberdade, já que precisava se comunicar ainda mais com o seu povo para assim conseguir facilmente

juntar o pagamento pelo seu resgate. Por outro lado, o líder espanhol passou a se preocupar com a facilidade de Atahualpa poder conversar com quem bem entendesse. Pizarro temia que o soberano inca estivesse planejando uma insurreição contra os espanhóis. O que não era para menos, já que era sabido por todos que as forças do inca continuavam à espreita.

Atahualpa tinha três grandes exércitos que estavam acampados a alguns dias de viagem de Cajamarca: os generais, Rumiñavi ao norte, fazia a defesa de Quito; Quizquiz ao sul protegia Cuzco e Calcuchimac também ao sul, vigiava uma cidade chamada Jauja. Os três exércitos juntos somavam cerca de 100 mil guerreiros indígenas. Pizarro ainda aguardava a chegada de Almagro com reforços vindos do Panamá, o que poderia demorar ainda vários meses. O sócio de Pizarro ainda estava em São Miguel com alguns homens onde faziam a defesa do pequeno povoado e aguardavam a chegada de reforços para irem compor o grupo de Pizarro em Cajamarca (STIRLING, 2005).

Atahualpa não estava mais tão confiante de que ia conseguir de volta a sua liberdade, e muito menos o seu reino, pelo menos não se dependesse da vontade mostrada pelos estrangeiros. Devido aos últimos acontecimentos, ele temia pela sua vida, pois já se ouvia falar que os espanhóis queriam executá-lo após o pagamento do resgate. O imperador inca diante da possibilidade de ser traído arquitetou uma revolta. Por outro lado, tanto Pizarro, quanto Atahualpa pareciam se dá bem, pois os dois costumavam passar um bom tempo juntos e conversavam bastante, sempre com um intérprete ao lado. Uma amizade um tanto incomum parecia ter iniciado.

O então governador Pizarro passou a conceder alguns privilégios ao seu ilustre prisioneiro/refém, como o de ficar sem as suas algemas e se mudar para um cômodo maior. No entanto, o maior privilégio recebido pelo imperador inca foi o de ter novamente acesso as suas mulheres que lhe serviam dia e noite, pedido esse muito requisitado por Atahualpa à Pizarro.

Durante os cerca de oito meses que ficou encarcerado, Atahualpa manteve contato com todas as regiões do seu império para ter a certeza de que a sua palavra estava mantida e o pagamento pelo seu resgate efetivado. Mesmo temendo uma traição e planejando contra os espanhóis, o inca mantinha boa relação com os seus raptos, afinal, era a sua vida que estava em jogo, além do seu povo e reino.

A ansiedade de Pizarro e de seus conquistadores pela obtenção das riquezas do Império Inca, só não eram maiores que as suas preocupações com um futuro

ataque, desencadeado pelas tropas de Atahualpa, que nunca eram vistas, mas que sabiam que estavam lá, à espreita, somente no aguardo das ordens de seu imperador. Essa preocupação dos espanhóis com a segurança só foi diminuída com a chegada de milhares de guerreiros derrotados do exército do antigo imperador deposto, Huáscar, na guerra dos dois irmãos. Entre os guerreiros, estavam membros das tribos Huanca e Cañari⁶ que não mais eram leais aos senhores incas, e agora eram aliados dos espanhóis. Muitos dos indígenas, seguindo uma antiga lenda inca acreditavam que os espanhóis vieram para vos libertar das *amarras* dos incas.

Foi com essa aliança que as esperanças de progresso com a conquista do Império Inca cresceu, o que levou Pizarro a saber de fato da existência do imperador legítimo dos incas, Huáscar, cuja a existência até então para os espanhóis era incerta e que o mesmo era meio-irmão de Atahualpa, mas que recentemente havia sido executado a mando do atual e ilegítimo imperador, mesmo quando este era prisioneiro dos espanhóis. Apesar de Atahualpa negar veementemente responsabilidade na morte de seu irmão, para Pizarro, culpado ou não, deu aos espanhóis motivos suficientes para condená-lo futuramente à morte (STIRLING, 2005).

Outra versão não muito difundida acerca da morte de Huáscar é descrita por López e Aguilar (2015). Para os autores, Atahualpa de dentro da própria prisão, por ter certa liberdade de conversar com alguns dos seus homens, ordenou que alguns de seus guerreiros que estavam com a custódia do seu irmão, o executassem, pois tinha sido informado que o seu irmão Huáscar tinha tido acesso a um grupo de espanhóis que por ordens de Pizarro estavam rumando em direção a Cuzco em busca de tesouros, e que sabendo do tesouro oferecido aos espanhóis pelo seu irmão, tinha prometido a eles um tesouro ainda maior, caso o libertassem.

Antes de ser executado a mando de seu irmão, Huáscar ainda teve que em represália às mortes de alguns nobres parentes de Atahualpa, assistir às mortes de vários de seus parentes que também haviam sido capturados pelas tropas de seu irmão. Segundo Domingues (2015), Huáscar nunca se encontrou pessoalmente com

⁶ Cañari era uma tribo indígena que vivia na região de Tumibamba atual Equador, não pertencente à tribo inca legítima, mas que fora incorporada pelos incas ao seu império através de guerras. Essa tribo se aliara aos espanhóis no início da conquista e nas revoltas que se seguiram, sempre combatendo ao lado dos espanhóis, viam os invasores como salvadores. Huanca foi uma tribo indígena localizada no Peru, também incorporada ao Império Inca e que lutou ao lado dos Cañari e de outras tribos a favor do Sapa Inca Huáscar, contra o seu irmão Atahualpa, na guerra dos dois irmãos. Mais tarde se aliaram aos espanhóis nas futuras revoltas, e também viam os conquistadores, pelo menos inicialmente como seus libertadores. (Fonte: De autoria própria).

os espanhóis e sequer existe um relato confiável de sua morte, seu corpo nunca foi encontrado e, por isso, alguns historiadores chegaram a cogitar que o mesmo teria sobrevivido e que teria montado um grupo de resistência aos espanhóis e fugido para a floresta amazônica. Para Stirling (2005), foi Calcuchimac, um dos mais temidos e leais generais de Atahualpa quem executou Huáscar a mando do prisioneiro de Pizarro, que do seu próprio cárcere deu as ordens para a execução.

Passados alguns meses, finalmente os reforços de Diego de Almagro chegaram do Istmo no Panamá, cerca de 150 homens se juntaram às tropas de Pizarro, que ficou muito satisfeito com o apoio recebido. Em contrapartida, Atahualpa ficou decepcionado quando viu o número de espanhóis aumentarem, o que poderia dificultar a sua revolta contra os espanhóis em caso de quebra de promessa. O imperador inca era um homem vingativo e sempre foi cruel com os seus inimigos, e nunca superou o que os espanhóis fizeram com o seu povo naquele fatídico dia em Cajamarca.

O imperador inca a cada dia que passava acreditava ainda mais que a sua morte estava próxima. Pizarro, que tinha ficado amigo de Atahualpa durante esse tempo, dizia que iria cumprir a sua parte no acordo e iria libertá-lo assim que todos os tesouros fossem entregues e que ainda lhe daria a província de Quito para o seu próprio governo. Verdade ou não, essas palavras até o confortaram por um tempo (STIRLING, 2005).

Com as diversas peças de ouro e prata trazidas das mais variadas partes do império, se iniciaram em junho de 1533, a fundição desses itens, marcados com o selo real espanhol e a sua distribuição entre os conquistadores. A demora no derretimento de tais peças impacientou tanto os espanhóis que já não aguentavam mais esperar, quanto ao imperador inca, que até o momento buscava uma forma de movimentar o seu exército contra os espanhóis, caso não cumprissem a sua parte no acordo firmado (PRODANOV, 2004).

Os temores de Atahualpa começaram a ganhar forma a partir da distribuição dos tesouros entre os espanhóis em Cajamarca, e de um pressentimento que o soberano inca teve o que ele acreditava ser o indicativo da sua morte. A situação do imperador inca piorou quando um dos intérpretes de Pizarro, o índio Felipinho ou Felipillo, começou a tramar contra Atahualpa. Acerca desse episódio, Stirling (2005) assim descreveu:

[...] A distribuição do espólio em Cajamarca, inevitavelmente, selou o destino de Atahualpa. López de Jerez registrou que o imperador Inca, na época, informara uma porção de guardas que vira uma bola de fogo iluminar o céu noturno, e que sabia que aquilo era um presságio de sua própria morte. A lenda criou uma imagem quase teatral dos acontecimentos que levaram ao suposto julgamento e execução, baseada nas aparentes evidências do intérprete índio Felipillo, que dizia ter ouvido Atahualpa ordenar um ataque na cidade. Uma testemunha, no entanto, lembrou-se de que “a verdade é que mataram Atahualpa por causa das mentiras da língua de dom Felipe [Felipillo], e que inventara tais mentiras porque havia dormido com uma das mulheres de Atahualpa e temia por sua vida” (STIRLING, 2005, p.71).

Atahualpa teria pegado Felipinho com uma de suas esposas por quem o intérprete de Pizarro era apaixonado, e na ausência do imperador inca, abusou da jovem esposa de Atahualpa. O prisioneiro de Pizarro o teria ameaçado, quando o mesmo fugiu e arquitetou a vingança contra o inca. Dias depois Felipinho informou a Pizarro e aos outros espanhóis que ouvira Atahualpa falando que planejava fugir e que os seus exércitos estavam em posição, prontos para matar a todos os espanhóis (STIRLING, 2005).

Os espanhóis acreditaram na história e foram Almagro e o tesoureiro real Alonso de Riquelme, um dos homens que chegaram do Panamá, exigir de Pizarro a execução do inca. Não eram apenas os espanhóis que queriam a morte do inca, mas também os ex-seguidores de Huáscar, sobretudo, por saberem da morte de Huáscar por ordens de Atahualpa. Eles não viam com bons olhos a possibilidade de Pizarro conceder liberdade ao inca. Pizarro agora tinha tanto os espanhóis, quanto os indígenas o pressionando a executar Atahualpa.

Apesar de não haver provas concretas a respeito da denúncia de Felipinho contra Atahualpa, a maioria dos espanhóis e indígenas que seguiam Pizarro, queria a morte do imperador inca, não restava outra opção a Pizarro, que não queria criar discórdia entre ele e os seus grupos, a não ser executar Atahualpa. Pizarro tinha conseguido o tesouro que tanto queria, e não ficava confortável com a ideia de soltá-lo, como havia garantido ao soberano inca, pois temia que o soltando o inca pudesse vingar-se contra ele e todos os espanhóis. Todavia, se o executasse não teria nada que impedisse o exército inca de vos atacar, e Pizarro sabia que mesmo com o apoio de algumas centenas de homens que chegaram do Istmo, e alguns milhares de indígenas rebeldes, não teriam chance contra 100 mil índios vorazes por vingança.

Nenhuma das opções era boa para Pizarro, mas, como tinha que decidir entre uma, o governador e agora também Marquês, optou pelo desejo da maioria, qual seja, executar o imperador inca. Segundo López e Aguilar (2015), e também Stirling (2005), apenas dois espanhóis foram contrários à morte de Atahualpa, o irmão de Pizarro, Hernando que estava ausente no dia da execução, e que mais tarde expressou a sua desaprovação dizendo que o inca deveria ter sido enviado para a Espanha, e que a coroa era a única que tinha autoridade para julgá-lo. O outro foi Hernando de Soto, que também estava fora de Cajamarca no dia da execução do inca, pois estava investigando a acusação do índio Felipinho contra Atahualpa; segundo o espanhol não havia fundamento na denúncia. De Soto queria levar o prisioneiro inca para ser julgado na Espanha, porém, seu desejo foi negado pela maioria dos espanhóis que queria o quanto antes a morte de Atahualpa (STIRLING, 2005).

Na noite do dia da execução, os espanhóis improvisaram um tribunal, onde a jurisdição espanhola não tinha validade e mesmo assim desconsideraram todas as leis e cultura daquele povo, para julgar a seu bel-prazer o inca Atahualpa. Seguiram as leis espanholas e o acusaram na forma da lei que lhes acharam mais conveniente. Francisco Pizarro e Diego de Almagro foram os juízes que bateram o martelo e condenaram o inca Atahualpa à morte.

As acusações contra Atahualpa foram diversas, cerca de, 12 acusações entre as principais: fratricídio (assassinato de irmão); adultério; idolatria; usurpação de trono e tentativa de rebelião contra os espanhóis. A maioria das acusações não fazia o menor sentido, se fossem consideradas as leis incas que se diferiam das leis espanholas. Para Prodanov (2004), a única acusação que de fato fazia sentido, era o de tentativa de rebelião. Mas, no final das contas, Atahualpa nunca sequer conseguiu levar esse plano adiante.

Há divergências com relação à data da execução do inca, pois, segundo Stirling (2005) e Domingues (2015), Atahualpa fora executado no dia 26 de julho de 1533. Para Prodanov (2004) e Favre (2004), a execução foi no dia 29 de agosto de 1533. Independente do dia, Atahualpa foi morto à noite, vítima de estrangulamento por garrote, ou seja, o seu pescoço foi apertado até a morte.

Antes de morrer, Atahualpa, segundo relato de Pedro Pizarro, outro irmão do governador, teria com lágrimas nos olhos, implorado para não morrer. Alegando que a acusação de Felipinho contra ele era falsa. O espanhol López de Jerez, outro que

chegou do Panamá, registrou um diálogo entre Pizarro e Atahualpa, onde o espanhol em voz alta acusou o inca de traição, dizendo que teve que armar os seus homens, depois de tratá-lo como a um irmão. Atahualpa, por sua vez revoltado, perguntou se ele estava zombando dele, querendo dizer que fora traído. Continuou querendo saber que razão teria de trair um companheiro tão valioso quanto Pizarro e seus homens. Encerrou pedindo que não zombasse dele.

Prodanov (2004) afirmou que, antes que a sentença fosse comunicada ao inca, este caiu em prantos e tentou se defender. O autor ainda se perguntou o que ele ou os seus filhos fizeram para merecer esse destino? Ele e o seu povo lhes ofereceram a sua amizade e lhes deram os seus tesouros e era assim que ele seria recompensado? Mas, de nada adiantou. A sentença estava dada e não havia volta. Atahualpa foi condenado à morte e executado mais tarde, naquela noite (PRODANOV, 2004).

No momento da execução, o Frei, Vicente de Valverde ofereceu o batismo a Atahualpa, de modo que morresse como um cristão e assim tivesse o seu corpo preservado, e não morrer queimado na fogueira como um herege. A proposta era a de que tivesse uma morte menos dolorosa. Atahualpa aceitou, porque queria preservar o seu corpo, já que assim como os egípcios os incas mumificavam os mortos, pois acreditavam na reencarnação, e para tanto, a integridade do corpo era necessária. Sobre essa questão, Stirling (2005) descreve detalhadamente o triste momento da execução do inca:

Por volta de 7 horas da noite do dia 26 de julho, com seu pescoço, braços e pés acorrentados, o imperador Inca foi levado para fora de seus aposentos – sua prisão por quase oito meses – até a praça escura da cidade, a área central que fora iluminada com tochas, onde foi amarrado a uma estaca e obrigado a se sentar sobre um banco em frente a todo o grupo de conquistadores. Uma testemunha registrou que ele, continuamente, repetia em quéchua: “Por que vão me matar? O que eu ou minhas esposas fizemos a eles?” Ele foi então ajudado por um intérprete, o frei Valverde, e encorajado a aceitar o batismo, mas não deu nenhuma resposta até que um homem da tribo Cañari, que Pizarro indicara para ser seu executor, aproximou-se. Foi então que o cavaleiro Lucas Martínez Vegazo registrou que ele começou a clamar, implorando a Valverde, como se concordasse com o que fora exigido dele, e Valverde o batizou, dando-lhe o mesmo nome de Pizarro – Francisco – e lhe disse que, por causa de seu arrependimento, não seria queimado vivo como havia sido decretado. Ele, mais uma vez, começou a chorar, gesticulando e indicando a altura de seus filhos que dizia serem jovens demais e implorou a Valverde para que recomendasse sua segurança a Pizarro. “Ele chorou e falou ao intérprete”, lembrou-se Mansio Serra de Leguizamón, “e, mais uma vez, pediu ao marquês que cuidasse de seus dois filhos e filha que deixara em Quito.” Muitos dos senhores incas e suas mulheres, que o tinham acompanhado no

aprisionamento, começaram a lamentar e a prostrar-se no chão, mas naquele instante, o Cañari já havia recebido o sinal que estava esperando, e com uma articulação em cada uma das extremidades da corda que tinha amarrado ao redor do pescoço de Atahualpa, estrangulou-o. Durante toda aquela noite seu corpo permaneceu na praça, sobre o banco e amarrado à estaca, a cabeça pendida para um dos lados, braços e pernas cobertos de sangue (STIRLING, 2005, pp.72-73).

Para Favre (2004), matar Atahualpa foi um grave erro político, pois com o inca vivo os espanhóis poderiam ter tomado melhor o controle daquele império. “Pizarro teria sem dúvida, poupado o mundo andino do estado de anarquia que por tão longo tempo constituiu obstáculo ao estabelecimento do regime colonial” (FAVRE, 2004, pp.102-103). Não obstante, o pequeno grupo de homens isolados em Cajamarca não conseguiu resistir às pressões a que estavam sujeitos sem correr o risco de ver desvanecer a todas as alianças definidas entre espanhóis e indígenas frente à missão de conquista, exposto a uma catástrofe decretada (FAVRE, 2004).

Atahualpa agora estava morto. O Império Inca sem o seu imperador e sem comando e aos poucos se tornando um território espanhol, e os conquistadores de posse da fortuna inestimável de tesouros dos incas. Entretanto, o infortúnio daquele povo estava apenas começando. Batalhas e mais batalhas foram travadas entre incas e espanhóis que duraram décadas, no entanto, os incas jamais conseguiram a posse do seu império de volta.

7. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, usamos a metodologia da pesquisa descritiva, visto ser a que melhor se adequou com a proposta definida para este trabalho. Como na discussão da temática descrevemos como se deu a conquista do Império Inca pelos espanhóis, buscamos dar mais detalhes e esclarecimentos de certas situações e responder questionamentos que anteriormente não tinham respostas ou essas respostas não eram precisas, satisfatórias, o que fez com que trouxéssemos uma visão um pouco diferente do processo de conquista do Império Inca pelos espanhóis.

Para a abordagem do tema, utilizamos a forma qualitativa, ou seja, recorreremos às várias fontes bibliográficas e as analisamos na busca de compreender como certas situações, atitudes precipitadas e tomadas de decisão equivocadas aconteceram e beneficiaram os espanhóis na conquista do Império Inca, o que tornou a conquista inicialmente, relativamente fácil e rápida. Ao mesmo tempo, frustrante e brutal para o povo inca. Nesse exercício recorreremos às fontes secundárias, a exemplo de obras sobre a temática, tanto impressas e digitais, de autores contemporâneos que na construção de suas narrativas recorreram às fontes primárias. Também recorreremos a artigos e outros conteúdos publicados em sites da internet.

Devido ao tempo disponível e a dificuldade de encontrar obras sobre a temática, sobretudo, em português, nos limitamos às obras traduzidas e publicadas no Brasil, o que acabou limitando a pesquisa bibliográfica. Mas, as obras às quais tivemos acesso, acabaram nos possibilitando formular a narrativa aqui apresentada, o que não prejudicou o resultado final deste trabalho. Os resultados desejados foram alcançados, embora no decorrer da pesquisa novas questões tenham surgido, não foram respondidas e acabaram por ficar de sugestão para futuras pesquisas.

Na pesquisa bibliográfica, foram utilizados como fontes principais os seguintes autores: Favre (2004), Prodanov (2004) e Stirling (2005). Todos esses autores trabalham em suas respectivas obras, o Império Inca. Alguns estudos obtidos online também foram relevantes e utilizados e assim contribuíram com esse trabalho, como os textos dos autores López e Aguilar (2015) e Domingues (2015), ambos trazem de forma objetiva a conquista do Império Inca pelos espanhóis, a partir de diferentes abordagens.

A obra do francês Favre (2004), utilizada neste trabalho, foi “A Civilização Inca”, onde o autor faz um apanhado de informações sobre esse império e o analisa como um todo. Nesta obra, o francês nos traz o surgimento, a evolução e o declínio do Império Inca com a chegada dos espanhóis no século XVI.

A obra seguinte foi a do brasileiro Prodanov (2004), “A conquista do Peru”, onde ele vai trazer a sua visão da conquista do Império Inca pelos conquistadores espanhóis, e dar detalhes do processo de conquista, sem entrar em outros aspectos desse império. Nesta obra, Prodanov (2004) destaca as expedições de Francisco Pizarro, seu planejamento inicial com a descoberta do Império Inca até a captura e morte do imperador inca Atahualpa, como também segue até a última resistência inca, liderada pelo último líder inca Tupac Amaru, morto pelos espanhóis em 1572.

Outra obra relevante na construção dessa narrativa, e a mais utilizada, foi “Pizarro – o conquistador dos incas”, do boliviano Stirling (2005). Esse autor traz uma descrição de forma minuciosa de como aconteceu à conquista do Império Inca pelos conquistadores espanhóis, e na análise mergulha no processo de conquista e traz à tona a visão do seu principal conquistador, Francisco Pizarro. Nesta obra, Stirling (2005) faz um desafio à visão popular e compara os atos cruéis de Pizarro que ordenou a execução do inca Atahualpa, a outros líderes, como a rainha Elizabeth I da Inglaterra, que ordenou a morte da Rainha Mary, da Escócia. A obra é baseada em descrições militares e traz de forma detalhada a história do homem que com muito empenho e bravura, liderou um pequeno exército que subjuguou e conquistou o maior império do novo mundo.

As outras fontes utilizadas foram artigos disponibilizados na Internet, um de autoria de Domingues (2015), que discute a disputa do Império Inca pelos irmãos Huáscar e Atahualpa; as expedições espanholas e a autorização dada pela coroa espanhola a Pizarro para a conquista do Império Inca; o encontro entre espanhóis e incas que decretou a prisão de Atahualpa e depois a sua morte em 1533, até a resistência inca liderada por Manco Inca, anos depois.

Nessa esteira, outro estudo relevante foi o de López e Aguilar (2015), que tratam dos conflitos e da guerra entre Huáscar e Atahualpa, desde a morte do antigo imperador Huayna Capac até o fim da guerra entre os dois irmãos, e também da batalha de Cajamarca entre incas e espanhóis ocorrida em 1532, o que resultou na morte de milhares de indígenas e na prisão do inca Atahualpa, até a sua execução em 1533.

López e Aguilar (2015) foram escolhidos, porque trazerem a conquista do Império Inca como tema principal de suas obras, com exceção de Favre (2004), que tem outros aspectos dos incas como prioridade, mas, mesmo com poucas informações trazidas sobre a conquista, ainda assim teve a sua contribuição.

Esses autores (PRODANOV, 2004; STIRLING, 2005; DOMINGUES, 2015; LÓPEZ; AGUILAR, 2015) discutem os processos de conquista, e nos possibilitam entender como se deu essa conquista a partir da pesquisa de autores mais antigos, inclusive muitos que foram contemporâneos dos incas, como o mestiço Garcilaso de la Vega, o inca, filho de um conquistador espanhol com uma princesa inca. Garcilaso fora um cronista e escritor e sua obra é rica em detalhes sobre os incas, uma vez que foi escrita a partir das suas próprias experiências e vivências no Império Inca, pois teve acesso às cartas trocadas entre os conquistadores e a coroa da Espanha, além do contato direto com conquistadores e incas. Não tive acesso a essa obra, ou seja, a fonte primária, pois não foi possível. O conheci através dos trabalhos dos autores acima citados.

Para chegar aos objetivos propostos nesta pesquisa foi necessário traçar uma linha de raciocínio a partir das interpretações de cada um dos autores lidos, o que contribuiu no processo investigativo e propiciou chegar às novas interpretações aqui colocadas. Dessa forma, acreditamos ter chegado a uma compreensão plausível sobre a conquista do Império Inca pelos conquistadores espanhóis.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu analisar o processo inicial de conquista do Império Inca, iniciado em 1532 com a chegada de um pequeno grupo de espanhóis liderados por Francisco Pizarro, até a captura e morte do imperador inca Atahualpa em 1533. Na narrativa construída, apresentamos fragmentos da história dos incas, e trazemos dados relevantes para situar o leitor na discussão, além de tratar dos passos iniciais dos conquistadores espanhóis em suas três expedições desencadeadas contra o Império Inca, do contato com aqueles povos, da guerra de sucessão entre os irmãos Huáscar e Atahualpa, até a captura e execução do último imperador inca, Atahualpa. Esse percurso possibilitou responder com base na análise de estudo de vários autores contemporâneos, algumas perguntas que não tinham anteriormente respostas claras e objetivas.

O tema se tornou relevante quando o Império Inca foi estudado e algumas perguntas feitas não tinham respostas ou as respostas não eram precisas e nem satisfatórias, eram rasas ou sem explicação de como se deu a conquista do Império Inca pelos espanhóis. Acreditamos ter respondido certas questões de forma mais clara e objetiva, o que é importante para melhor compreensão do processo de conquista do Império Inca pelos espanhóis no século XVI.

Este trabalho partiu do interesse de compreender como se deu a conquista do Império Inca pelos conquistadores espanhóis. Para tanto, alguns questionamentos precisaram ser feitos, e objetivamos responder às seguintes perguntas: discutir as alianças firmadas entre os espanhóis e os povos inimigos dos incas, entender as motivações de cada lado; Analisar o conflito entre os meios-irmãos Huáscar e Atahualpa e a disputa pelo trono do Império Inca, entender as suas causas e motivações, e compreender como um exército tão pequeno de centenas de espanhóis derrotou um império tão poderoso e vasto com milhões de habitantes.

No desenvolvimento da pesquisa, outras duas questões surgiram a partir dessa última e também contribuíram para o resultado final deste trabalho. As questões foram: por que o imperador inca Atahualpa não levou todo o seu exército para o encontro com Pizarro e os outros espanhóis? Por que esse mesmo imperador ordenou que o seu exército fosse desarmado para esse encontro?

De acordo com o que foi proposto para a realização deste trabalho, de todas as pesquisas feitas, mesmo apesar do curto período de tempo e da dificuldade de se

obter fontes em português, e por termos conseguido as respostas às nossas perguntas de forma satisfatória, acreditamos ter chegado ao nosso objetivo, que era o de compreender como ocorreu a conquista do grande Império Inca pelos conquistadores espanhóis.

Dos resultados obtidos para com essa pesquisa, concluímos que: para as alianças feitas entre os espanhóis e os inimigos dos incas, os interesses de ambos se complementavam no que diz respeito a um interesse em comum. Os dois lados queriam se livrar dos incas. Para entender melhor, é preciso compreender que os incas legítimos não passavam de 40 mil, enquanto as outras tribos que foram incorporadas ao Império Inca poderiam chegar aos milhões. Os espanhóis queriam se apossar do território e das riquezas daquele povo, e os incas eram uma barreira para a realização da conquista. Por outro lado, os inimigos dos incas queriam se livrar dos incas puros, pois estes os tratavam de forma inferior. Por isso alianças foram feitas, primeiro em Tumbes durante a segunda expedição, onde dois indígenas foram levados para a Espanha com o propósito de aprender o espanhol e serem usados como intérpretes na expedição seguinte.

Depois em Cajamarca, quando Atahualpa era feito prisioneiro pelos espanhóis. As alianças foram importantes para a conquista, pois abriram caminho para uma boa relação entre indígenas e espanhóis que lutaram lado a lado contra as várias resistências incas que viriam após a morte do imperador Atahualpa. As outras alianças tiveram início quando o soberano inca estava próximo de ser morto pelos espanhóis. Quando Pizarro recebeu a visita de milhares de indígenas das tribos Cañari e Huanca que não serviam mais aos seus senhores incas e queriam se aliar aos estrangeiros contra os incas. Pizarro sabia que precisava de um grande exército para combater os incas apoiadores de Atahualpa que foram buscar vingança, e firmar aliança com essas tribos para utilizá-los nos futuros confrontos era necessário.

No que diz respeito ao conflito entre os meios-irmãos Huáscar e Atahualpa, filhos do antigo imperador Huayna Capac, que morreu vítima de varíola ou de envenenamento, uma disputa de sucessão ocorreu. Huáscar era o próximo na linha sucessória, já que o outro herdeiro também havia morrido. Atahualpa era bastardo e o próximo na sucessão ao trono. Como não deu tempo da escolha ser efetivada, pois Huayna morreu antes, Huáscar que governava o sul foi nomeado pela nobreza inca como o novo imperador. Por outro lado, Atahualpa que governava o norte e era

o preferido por aquele povo para substituir o seu pai, não ficou satisfeito com essa decisão. O antigo imperador havia ficado muito próximo de Atahualpa durante suas campanhas militares no norte, o que gerou certo ciúme em Huáscar. Huayna temendo disputa entre os seus filhos, pensava até em dividir o império.

Após a morte de Huayna Capac, e Huáscar já nomeado o novo imperador, este se enfureceu com alguns nobres e parentes por estes não terem trazido o seu irmão Atahualpa para a cerimônia fúnebre do seu pai, o que acabou na morte de alguns dos nobres. Huáscar acreditava que havia uma conspiração dentro do seu reino que queria tirá-lo do trono e por o seu irmão Atahualpa em seu lugar. Atahualpa acreditava ser mais apto para governar, e por isso digno de estar no lugar do seu irmão. Seguindo a *lei do mais apto* que dizia que o mais hábil em administrar e comandar um exército seria um imperador melhor, passou a lutar por esse direito a partir do momento que o seu irmão ameaçou a sua vida e mandou matar alguns de seus parentes, além de querer destituí-lo do cargo de governante das terras do norte. Ou seja, um leque de fatores como ciúmes, inveja, traição, conspiração, mortes, destituição de cargo e até uma lei não seguida, gerou o conflito que desencadeou, em seguida, a chamada guerra dos dois irmãos, que no final deu o trono do Império Inca a Atahualpa, que venceu a disputa contra o seu irmão Huáscar ao custo de muitas vidas, e assim abriu caminho para os espanhóis invadirem e conquistarem um império enfraquecido pela guerra.

Diante de um cenário extremamente favorável, os espanhóis liderados por Francisco Pizarro partiram para Cajamarca, e se encontraram com o imperador inca Atahualpa que recentemente tinha vencido o seu irmão Huáscar e agora era o novo imperador. O resultado desse encontro foi a captura de Atahualpa e o massacre que deixou milhares de indígenas mortos. Atahualpa foi executado mesmo após ter pagado o resgate em toneladas de peças de ouro e de prata, e condenou todo o seu império à sujeição ao reino da Espanha.

A partir desse contexto, podemos indagar: mas como é que um exército tão pequeno de cerca de 160 espanhóis derrotou cerca de oito mil indígenas? Os motivos foram diversos, como o fator surpresa e uma melhor preparação dos espanhóis; suas armas de fogo que não eram tão eficazes naquela época, mas que também contaram; os seus cavalos que, assim como as armas de fogo, os incas não conheciam e juntos deixaram os indígenas sem reação e em estado de pânico; e as espadas e lanças que foram muito efetivas no combate. Por outro lado, os incas

estavam desarmados e a maior parte do seu exército estava longe, apenas observando e não participaram da batalha. Mas por que os incas estavam desarmados, e por que o exército de Atahualpa de cerca de 50 mil indígenas não participaram da batalha?

Atahualpa estava muito orgulhoso após a vitória contra o seu irmão Huáscar, e ainda mais após saber por meio dos seus espiões, que aqueles homens estranhos vindos do mar não eram deuses como muitos do seu reino imaginavam. Ele decidiu levar apenas alguns milhares e ordenar que fossem desarmados para o encontro com os espanhóis em Cajamarca. Considerando que o seu exército era menor que o do seu irmão, e ainda assim se saiu vitorioso, indagamos: por que ele temeria um pequeno grupo de homens? Atahualpa com o seu ego inflado acreditou que venceria os estrangeiros de qualquer forma, e levando alguns milhares de homens e ainda por cima desarmados seria mais do que o suficiente para vencer a batalha. Dessa forma mostraria para os invasores e para o seu povo toda a sua bravura e supremacia. O inca subestimou o potencial dos estrangeiros e condenou todo o seu império à ruína e sujeição aos espanhóis.

Em síntese, podemos destacar os fatores que levaram os incas a derrota e perda do seu império para os conquistadores espanhóis, entre os quais podemos citar a superioridade militar espanhola, o fator surpresa, as alianças feitas entre espanhóis e indígenas, as disputas pelo trono do Império Inca, as doenças trazidas pelos europeus, e a que definiu a conquista para Pizarro e seus conquistadores, o menosprezo de Atahualpa para com os espanhóis na batalha de Cajamarca.

Durante a pesquisa deste trabalho, surgiram duas outras questões a respeito do Império Inca e que poderiam somar a este trabalho ou a outros, que no desenvolver do mesmo as explicações para determinados eventos não foram obtidas, podendo servir de sugestão para futuras pesquisas. Uma delas diz respeito à morte do antigo imperador Huayna Capac, que supostamente morreu de varíola ou envenenado, veneno administrado pelo seu próprio curandeiro. Quais seriam as circunstâncias, e por qual motivo teria ele para envenenar o seu próprio soberano?

A outra está relacionada à morte de Huáscar que nunca teve o seu corpo encontrado, e teria supostamente sobrevivido e fugido para a floresta amazônica, onde montou um grupo de resistência aos espanhóis. O fato é que não existem muitas informações a respeito de sua morte, muito menos de uma suposta

sobrevivência. Há hipóteses que ele teria sido afogado e seu corpo se perdido em um rio e outra que ele teria sido jogado de um precipício.

REFERÊNCIAS

BAELLA, Justo. **Sinchikary y lacadena de oro de los incas**. Estados Unidos: Palibrio, 2014. *E-book*.

BOOK.[S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (46 min 47 s). Publicado pelo canal Picareta Documentários. Disponível em: <https://youtu.be/uNBD2p1t7BY?t=823>. Acesso em: 29 set. 2022.

BOOK. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (19 min 09 s). Publicado pelo canal Grandes Expedições. Disponível em: <https://youtu.be/2Wp1zcgCHaA>. Acesso em: 29 set. 2022.

CURACA. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 16 nov. 2022. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Kuraka>. Acesso em: 29 nov. 2022.

DOMINGUES, Joelza Ester. A conquista do Império Inca: O terror provocado pelos yanás. *In*: ENSINAR História. São Paulo, 16 nov. 2015. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/conquista-do-imperio-inca/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

FAVRE, Henri. **A Civilização Inca**. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. *E-book*.

GUILLEN, Edmundo Guillen; MENDOZA, Victor López. **Historia general Del Ejército peruano**: El Império del Tahuantinsuyo: El ejército incaico (interpretación contemporánea). Segunda parte. Lima: Milla Batres, 1980. *E-book*.

HANAN Cuzco. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 13mar. 2021. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Dinast%C3%ADa_Hanan_Qusqu. Acesso em: 26 set. 2022.

HERRERA CUNTTI, Aristides. Divagaciones históricas en la web. [S.l.]: Version eletrônica, 2006. *E-book*.

LAGO Titicaca. *In*: SUA Pesquisa. São Paulo, 10 dez. 2021. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/geografia/lago_titicaca.htm. Acesso em: 27 set. 2022.

LÓPEZ, Carlos; AGUILAR, Julia. Atahualpa: Historia Del Perú. *In*: HISTORIA Peruana. [Perú], 9 maio de 2015. Disponível em: <https://historiaperuana.pe/biografia/atahualpa>. Acesso em: 27 set. 2022.

PANAKA. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 15 ago. 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Panacas>. Acesso em: 25 set. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **A conquista do Peru**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

ROSTWOROWSKI, María. **Historia delTahuantinsuyu**. Lima: IEP, 2014. (Obras Completas, VII). *E-book*.

STIRLING, Stuart. **Pizarro o conquistador dos incas**. Tradução: Getúlio Elias Schanoski Jr.. São Paulo: Madras, 2005.

TITICACA. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 16 ago. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago_Titicaca. Acesso em: 28 set. 2022.